

L'ignorance est la nuit de
l'esprit, mais une nuit
sans lune ni étoiles.

O ECHO

L'instruction est l'ornement
du riche et la richesse
du pauvre.

JORNAL CRITICO E NOTICIOSO.

ANNO 1	Numero da 10.ª Ano 1.º Assinatura para o exterior por trimestre 2.000 Reals 100 e 1.000 Reals de S. João p. 88	MARANHÃO, 21 DE MARÇO DE 1886.	Publicações Publicam-se gratis os ar- tigos literarios. O mais conforme o ajuste. O ECHO publica-se duas vezes por semana.	NUMERO 8
--------	---	--------------------------------	---	----------

O ECHO

Março 21 de 1886.

Expediente

Em vista da grande ac-
celeração que tem tido o
nosso jornal resolvemos
abrir assignaturas para
a capital sob as seguin-
tes condições:

A assignatura será de
2000 por trimestre, (pa-
gamento adiantado) ten-
do o assignante direito a
todos os numeros já pu-
blicados.

O reinado da ordem

O sertão da nossa provincia
está por assim dizer sob o do-
mínio exclusivo dos facinoras,
que livremente, com ostentação,
põem em pratica os seus pla-
nos sanguinarios.

O Grajau e o Mirador têm
ido ultimamente o theatro das
mais revoltantes scenas do sel-
vageria.

Contando com a impunida-
de, tendo por si as autoridades
do lugar,—os assassinos não
temem ante cousa alguma,—
fazem alarde da sua força e de
sua coragem com soldados matão
publicamente, violão o lar do-
mestico do cidadão e com as
mãos ainda tintas de sangue—
eles vêm depois utterar nos
tribunaes que são—inocentes.

Dir-se-hia que naquelles lo-
caes ainda não penetrou se-
nem um raio de luz. Aquellas
idades tem as apparencias de

uma Africa pequena habitada
por nris brancos mais malvados
e mais cruéis que os pretos
barbaros da Zulandia.

A' sombra das nossas bene-
ficas e liberaes instituições pra-
tico-se alli a toda a sorte de
bandalhices, de atrocidades,
commellem-se os assassinatos
mais revoltantes.

O cidadão não tem absolu-
tamente garantia nenhuma; a
sua vida e a sua fortuna estão
expostas ao ataque do primei-
ro sicario que lhes passa pela
frente.

Chama-se a isso—o domínio
despótico do bacamarte e da
faca de ponta. São elles que
resolvem todas as questões. E
por meio dessas armas que as
authoridades governão.

Em certas ilhas da Oceania
matão o homem para comel o.

Quem habita essa ilhas?
Anthropophagos.

Na Calabria matava-se, mas
era para roubar.

No nosso sertão, habitado
por gente civilizada, assassina-
se premeditadamente por ques-
tiões de politica.

A politica, que tem as vezes
apparencias de mulher velha
debochada e ontras—de hyena
sedenta de sangue, é a causa,
a causa unica de tudo o que
tem acontecido e ha de acon-
tecer.

Os influentes do lugar, as
mãos negras, verdadeiros
reos de policia, cheios de ouro
e de vingança,—são os ho-
mens aquem vão recommenda-
das as autoridades, são elles
que para cá mandão a lista

d'aquelles que tem de occupar
os cargos de confiança.

Uma vez firmados no lugar,
dispondo de tudo, desde o mais
simples delegado literario até
da mais elevada autoridade po-
litical, cercados do prestigio
que lhes vem das alturas gover-
namentais,—os senhores fon-
das, pequeninos reis absolu-
tos, mais tyrannos que em Ne-
tossa outros tantos Caligulas,—
vão por paos e por pedras,
mandão sorrar, processar e por
fim—mandão matar.

E nada lhes acontece depois.
São irresponsaveis. E alem dis-
so trabalharão pela manuten-
ção da situação. São uns homens
precisos, indispensaveis.

Bastem mandar fazer tudo.
Quem lhes vae as mãos por
isso?

Atendendo a todas essas
cousas,—não cabem nos—na
minima estranheza a noticia
aqui recebida de que tinha si-
do assassinado no Mirador o
tenente Bomfim e que os auto-
res desse crime forão os solda-
dos do destacamento a manda-
do do seu commandante.

Esse tristissimo aconteci-
mento de ha muito que era es-
perado e seria para admirar
que elle já não se tivessse reali-
sado.

E como deixar de ser assim
se o chefe do destacamen-
to quando d'aqui partiu foi
em companhia de um casabone,
indignado como cumplice no
assassinato do tenente coronel
Leoz Gonzaga?

Basta este facto para todo
explicar e para justificar tudo.
S. Exc. o sr. presidente da

provincia sabia perfeitamente
quem era esse casabone, que
em vez de casabone deveria
chamar-se—antro de más in-
stinctos.

S. Exc. sabia que esse não
tinha sêdo de sangue, que vinha
ansioso por dar expansão a sua
requintada perversidade a que
—de garras afiadas—espreita-
va uma occasião opportuna
para dar o salto em cima da
victima.

S. Exc. sabia de tudo isso
e não trepidou, apesar das re-
clamações feitas na imprensa
em conceder a esse typo os
poderes precisos para tornar o
um potentado no lugar.

Quaes as consequências des-
se facto?

O assassinato do tenente Bom-
fim; a familia e os amigos do
sr. Ignácio Mourão ameaçados
de morte.

Euficante!

Vem mais esse acontecimen-
to do Mirador abrilhantar a su-
bia e sensata administração que
está sendo feita nesta provincia.

Rojubilem se os povos do
Maranhão, porque na terra
está cabindo o maná do ceo.

Vão tudo ás mil maravilhas.
O partido da ordem navega em
mar de rozas.

Entramos em uma epocha de
regeneração social. As cousas
já estão em seus respectivos
eixos e a terra faz o seu curso
para tornar o um potentado no
lugar.

PORQUE:

O Juca Marques ainda
não disse a sua missão na
escola do Egypto, só se con-

tentando em desenganolar a
cabeça, quando o *Castrinho*
está dando conta dos discurs-
sos estudados?

O sr. deputado Honorio Bello ouza dar provas de independente, de caracter honesto, em manifesta opposição á subserviencia do bando castrado?

O sr. Ricardo Carvalho, segundo a fama, fugio a disciplina do seu partido, deamintendo a união conservadora?

Os liberaes, que tanto odiavão o sr. Ricardo, hoje, docilmente se movem ao seu mais leve aceno?

Os conservadores castro-
dos, sem respeito à opinião
pública, strancaram das ca-
dêas a futura *Barão de Ce-
tyjô* e o *comendador* na su-
prema posição que occupa-

O Chinquillo Carvallin não se convenceu que elle não fosse para a tribuna?

O Leão, da «Pacotilha»,
chinga tanto os paes da pa-
tria e os atormenta com
pauzinhos?

O sr. Vieira da Silva não
de logo aos castrados: «eu
sou homem sou?»

O Arizy-las Coelho tem
em pouca conta o localão
que fez ao comendador
e a Castrão, a pedido de
Luca?

o sr. João Lobo, q' o
este ser homem indepen-

dente, não se libera do
jugo castroista?

O sr. Ribeiro da Cunha se mostra tão pouco interessado com os soffrimentos dos seus amigos no Alentejo?

O Barbosa — o homem de
boi cavallo — lá de Vigna
quer ser branco a forte?

Ignacio Parga deixa os
affazeres do seu commercio
para andar mettido en ty-
pographias, incorenden-
censuras e provocando
dias?

O deputado Domingos
Caquero de Castro Assen-
ta-se no dia 20, aspi-
ra de todos os transtornos.

O Paulo de Rock não perdeu a conta do dinheiro da festa, que ele se lembra recomendar ao filho para que o controle para não perder.

NAVALHADAS

Continua a fazer mil contos de
marco da velha o theatro da ro-
do Egypcio por causa de:

Certo tufol engraçado
Que vive na mamadeira
Figurando n'esta terra
Com a celebre vacca leiteira
E' um talento invejavel
Que só vas em dianteira
Como os burros da espreza
Se torna muito brejira.

Não queria falar de Juss que
tencionava ser baído pela sua illus-
trada agitação avante e a pro-
verbia muito sobre o que sempre
disse o rifão:

Mas vale a gente ser burro
E andar sempre metido
Toda mesmo que não saiba
Ser a vacca do partido

E ainda bem se gostar
 Colrinhos sem ver sentido
 Do bofeinho do papá
 Sem mesmo se ser flizido

Ora, boas coisas a chamaram a verba do partido, quando mim já elle declarou que é um excellento guerreiro o que litta-lhe mais uns cobrinhões, porque disse-me que, o que elle tinha está amalhado como pólvora junto a fogo.

O'ha juquinhá um conselho
Conselho de coração
Larga a politica de praia
Se queres illustração

E' bem verdade que não é
culo e tencionas ser barão con-
formo diz o anacleto.

Largamos a sacca costado
 Dando seu leito ao castrado
 Não vale a gente lutar
 De quem já vive espuçado.

Entramos pelo Grajaú e vamos
falar com o barão de Gerijó.
Certo Barão como vamos de
carro, vamos de carro. O barão
de Gerijó é um velho conhecido
do meu filho de Sacramento, hein
e eu vou com ele. O barão de Gerijó
é um velho conhecido do meu filho
de Sacramento, hein e eu vou com
ele. O barão de Gerijó é um velho
conhecido do meu filho de Sacra-
mento, hein e eu vou com ele.

Não se sentir a rebeldia
 E magalhado em facto
 A qualquer Afonso
 Que fôr o rei do mundo
 Sem auctoridade do mundo
 Vem a ser o rei do mundo
 Onde fôr o rei do mundo
 Onde fôr o rei do mundo

Bravos ! e como de facto mos-
trou o barão de Gerijó, que nem
só pode ser barão como presi-
dente de uma corporação.

Temos o *castrião* em scena, aques o *pan-de-ão* e *velha*, verbo *adira* o *castrião*.

Estão queres por força que
os programas d'esto thea-
tro, bem!!! Ora, mesmo, dei-
de ser rascador de papel de
impresso, toma um conselho de
quem gosta de tua illustração:

De querer ser redactor
Pois atrefo é tão árdua
E pôle criar bôlôr
Tu pafazinho de gente
Já queres ter o ranêdo
De aqueles cultos de homens
Que nós chamamos doutor

Deixa d'aqueira coarimbo
Vê se a excelsa leiteira
Pô le ensinar o caminho
Das homems d'illustração
Tu és ainda filhinho
Meu figurino feio
Não tentas de ser melico

Que tal castrinho, se continua-
s a dizer que não te importa
o povo como o diaz disseste
rá?

Que o povo que te elegu
Comparsa do theatrinho
Egencia muito sorda
Que não cala em tea facinho,
Com muita facilidade
Não criaras meu castrado
Quando se abrir o theatro
Jamais serás contemplado

Bem disse o netiz do Vieira
bota proposta do «Paz» em
pilha ao Serginho.

Ora sergialto tu diz
Que devemos preferir
O amestrado ou a
Coiza que the faz rir
De humilhacao e de generos
Que a humilhação e a
Que as pr. gr. ams h. esta
Com a pr. pr. ams e a

Dura a duto, segitaho
 Maço e pait dea-nur
 Na gupura ser u go-cho
 Quê mudo fide-pai
 A mudo-mudo dea mudo
 Quê mudo e duto mudo
 E' mudo mudo
 E' mudo mudo mudo

E com estas discussões, sobre
maritadas as propostas, ficando
do no mesmo exo qd que os
mens qdell.

P. e hysa beta meus meninos,
muito feliz cá vultarei se não
fuer. Zuma gratissima cá
meo filho.

En que se encontra
Junto a esta casa burguesa
Não problem que se está cheio
Que ainda mais a
São Paulo, ali se encontra
Tudo uma vez de
Além de outras que
Pelo seu

CHOS DE TODA PARTE.

Sexta-feira ao meio dia em
o abrio-se o theatrinho da rua

JOAQUIM RO-

DRIGUES DIAS—com officina de sarteiro na Travessa do Theatro n. 15 prepara grades para anellas, portões, cancellos para porta gradeamentos para jardins, cipas de ferro, lavatórios de todos os modelos, fogões, cofres à prova de fogo, reparações de machinas, assim como banheiras de chumbo e choques encanamentos de ferro e chumbo; e tudo mais conserente e sua arte. Na mesma officina conserta-se machinas de costura.

preço sem competidor

PEDRAS e mactões—Henrique Manoel Coelho, no Carmo, vende de boa qualidade, por preços modicos e sem competidor.

São vendidas na pedreira com o ajudo do serem depa ou das na obra.

VINAGRE BRANCO PURO

Vende-se a 120 reis a garrafa, na rua da Paz canto da da cruz. (10)

JORNAES

para embrulho e garrafas vazias, comprem

Bastos Junior & C.
Rua do Sol canto do Theatro.

ESCRITURAÇÃO MERCANTIL.

No escriptorio deste Jornal informa-se quem encareza-se de escriptas commerciaes, mediante muito modico e remuneração.

COBRAS GIBOIAS.

Compra-se na officina de funileiro de Leocadio Bello a rua do Trapiche.

Paga-se bem sendo grande.

FERRAMEN'A PARA FUNILHEIRO.

Vende-se uma pelo diminuto preço 25000 reis quem pretender dirija-se na officina de Leocadio Bello da Silva.

Rua do Trapiche.

N'ESTA TYPOGRAPHIA

Imprime-se cartoes de visita, circulares, cartas de endereços, estalotes etc. e c. Tudo por preço modico

Rua de S. João n. 88

No escriptorio d'este

Jornal informam-se uma pessoa habilitada que possa dar e receber petições, requerimentos, licenças para negocios de, etc.

Tambem enotrega-se de agendar emprego mediante pequena commissão.

Rua de S. João n. 88.

GUERRA A SYPHILES

O Americano recebe e vende por preço razoavel o tonico depurativo do dr. Picard. Cura radical e ligeiramente as anemias clorozes, rachitismas, tserophulas, cachexias e plithysicos pulmonares.

Agora florida verdadeira á 1.250.

RUA DO SOL CANTO DO THEATRO

Letras-ros.

Na officina de funileiro de Leocadio B. da Silva, em pessoa habilitada para estampar qualquer letreiro em frente de casas commerciaes ou mesmo particular em diferentes gostos por modico preço.

ALUGA SE uma negrinha ou um moleque, para servir uma pequena familia. A tratar na quitanda a rua de S. João canto com a rua da Inveja.

Antonio Diniz Cabral

PREPARATORIOS:

Nesta typographia se indica quem vende por preços baratissimos, livros para qualquer das materias d'esse curso.

SPECIALIDADE: — Na rua Grande refinação de Balthazar José Pereira vende-se farinha secca da ilha de superior qualidade a 24000 o alqueire.

SANGUE-SUGA HAMBURGUESAS

Chegadas pelo vapor Amazonense, para a loja de barbeiro de Paschoal João Paulo e Anjos. Applica-se, aluga-se vende-se por preço sem competidor.

PANELLAS DE FERRO Esfanhadas, todos os tamanhos. Vende o Americano.

Caxeiro

N'esta typographia indica-se uma pessoa que deseja empregar-se no commercio, dando fiador idoneo sobre a sua conducta.

Nesta typographia precisa-se fallar com o sr. Balthazar Belfort para negocio de seu interesse.

TACHOS DE FERRO batido, galvanizados por dentro e por fora, proprios para fazer doces, etc, etc. Vende

O Americano.

ATTENÇÃO. Balthazar José Pereira, vende em sua refinação á rua Grande, defronte do Hotel Porto; cafe torrado de primeira qualidade já moido sem mistura alguma á 1:000 o kl.

Vêr para crêr.

PIANO

Na rua do Sol em casa de Bruno Manoel Ferreira tem um para vender.

Typ. de Manoel Silva e C.

L'ignorance est la nuit de l'esprit, mais une nuit sans lune ni étoiles.

O ECHO

L'instruction est l'espérance du riche et la richesse du pauvre.

JORNAL CRITICO E NOTICIOSO.

ANNO I

Numero de dia 43 re.
Assinatura por trimestre 2000 Re.
Assinatura por semestre 3500 Re.
Assinatura por anno 6000 Re.
De S. João de 88

MARANHÃO, 4 DE ABRIL DE 1886.

Publicação
Publicação se faz em ar-
tigo de interesse geral.
O ECHO publica as duas
vezes por semana.

NUMERO 12

Expediente

Em vista da grande ne-
cessidade que tem tido o
nosso jornal resolvemos
abrir assignaturas para
a capital sob as seguin-
tes condições:

A assignatura será de
2000 por trimestre, (pa-
gamento adiantado)

O ECHO

Abriu 4 de 1886.

O Echo manifesto da situa-
ção dominante cresceu ao in-
finito como o medonho furacão
nestas tempestades inverno-
sas!...

As violências empregadas
com o maior cynismo vão se
desenvolvendo com as mesmas
fúrias, quasi ondas bravias em
mar enfurecido!

A vingança mesquinha dos
espíritos fracos vão apparecen-
do nesta politica do egoismo,
onde os mais bellos caracteres
são manchados pela negra ca-
luernia!

Ao passo que caminha tri-
umphante o criminoso, o ente
corberto de vícios, o san-leu, o
politico sem crenças e sem
ideias firmes!

Ahi desventurado paiz! até
que estás sendo dominado por
estes parasitas, que vivem de
tua seiva, atrofizando o teu fu-
turo tão risonho, de esplendi-
das esperanças!!

A politica devia ter o dom
da imparcialidade, sempre ge-

nerosa no poder, e sentinella
alerta na opposição!

Infelizmente lançamos um
olhar de tédio e compaixão pa-
ra estes energúmenos mandões,
que só tem a sede de vingança,
e procurão viver a custa do
paiz, sem predicações que re-
commendem a sua individuali-
dade!

Não sentem o menor remor-
so; suas consciências não vacil-
lão perante a idea da violencia!

O arbitrio é sua lei... o que
ro mande é posto a sua vonta-
de!!...

Firmes no nosso ponto de
honra de jornalistas serios e
moralistas, e com indignação
mal dissimulada da situação ac-
tual!!...

Quem é o sr. Araújo Cos-
tado?

Um manilão de Gajahú, que
tornou se sultão d'aquelle ha-
rem, pelo poder absoluto da
armis, da força, da peleja, da
combate, da oppressão, da vio-
lencia do cynismo e da immo-
ralidade!

Para uma politica moralisa-
da, não seria mais do que um
pallido espectro que da campá
fugio!

No entanto:

Ell'o que podes nos seus trens
laustorios
E brío da pompa que a riquessa
do
Solta dos labios um sorriso d'of-
fronte
Ligeiro roda e nem se a vista já!

Tudo isso é a desmoralisação
que apresenta esta infeliz situa-
ção!!...

Tornar d'um caracter impu-
ra, um verdadeiro parlamen-
tar!

Quem não conhecerá o sr.
Araújo Costado? o terror dos
bosques! este rigoroso, qual a
serpente que se occulta na rel-
vas para ferir ao incauto vian-
dante, finge-se tímido e acanha-
do!

Não vos enganais com este
monstro, oh! sociedade mara-
nhense! Não aperteis a mão do
ingrato, que poderá morde-
r-vos!

—Tudo é possível n'esta si-
tução! converter um crimino-
so em estado de presidente do

Tal metamorphose!
enlouquecel-o, e quando perca
a razão esta vibora protegida
pela escola conservadora, muito
terá que lastimar a influencia
castrada, que devera cobrir se
de d'el, pela honra de sua pe-
rola, esta preciosidade de sua
alma!....

Reinado da ordem

Sublimes a quadra que atra-
vessamos!

Não ha dia em que um novo
e mais estrondoso escandalo
não venha realçar o quadro
estapeado em cujo fundo tri-
pudam os histriões da politica
dominante.

Injustiças sobre injustiças,
fereços e atrocidades sem nom-
eis o prisma por onde se infere
do grão de intolerancia que o
partido da ordem ostenta com
um cynismo de femea gasta q
já sem pejo, expõe a todos as

vistas as pustulas de um cor-
po desfigurado.

Ultrapas-sa tal partido os
raios da decencia e na verti-
gem em que desembesta pelos
carreiros da immoralidade não
ha absolutamente impedimento
que o possa conter.

Tudo se permittio ao desca-
ramento com que vai pon-lo em
acção o seu programma de ar-
rastar o paiz para o abyssus
hiante que tem aos pés e ante
o qual—impavidez notavel—
não recua o carro de lixo que
o conduz.

Desde o fatidico dia 20 de
agosto do anno findo estabele-
ceu-se a barraca de furtamben-
ção dos negreiros publicos, an-
dizes e insolentes, rebolando
as ancas provocantes e fazendo
tudo os egares grotescos que
são insultos a moral.

O que já fiseram elles pela
paiz?

Asphixiaram todos as aspi-
rações da alma nacional que
não sabe se vive neste dominio
de ferro, que a comprime nos
syries da mais bestial intolera-
ncia.

Tomaram mais dinheiro em-
prestado ao estrangeiro para
saciar a fome do ro agem que
thies roe as estranhas e sustenta
as crapulas famozas, monume-
taes que elle não.

Quando elles forem apeados
pela lei fatal que governa o
imperio—a cadaquice do rei—
e a historia tiver de julgar os
imperial e serem ante os des-
tões que recolher, ascofindo
a cabeça enorme em um go-
do soberano desdem, dirá com

voz pausada e vibrante para q' mamulo a oiga:

—Um tufão horroroso pas-
sa pelo Brazil, varrendo o
arredondo o...

E o rei... sem prender sen-
tação a esse juizo allivo, dirá a
sua chupa:

Ja sei... Ja sei...

Mas elle que livre-se de um
tufão mais horroroso ainda que
o ha—de varrer a elle para o
monturo—a indignação d'ste
povo, sempre espoliado, sempre
perseguido, sempre martyre e
condemnado a ser o eterno pato
de todo este deboche que nos
avilta perante as nações civili-
zadas, que sabem respeitar a
lei e não se envergonham de
prestar homenagens á opinião.

COLLABORAÇÃO.

Assembleia do Egypto

Discurso do sr. Viriato.

Havendo numero sufficiente,
decarou o sr. Saldanha, que esta-
va de pé, a sessão e logo pediu a

Viriato—Sr. presidente, venho
deparar hoje os meus pensamentos
com os religiosos, pois sendo filho de
uma christão, não posso deixar
de seguir esta religião; mas de
pois que me fizão deputado,
e sabendo um meio de celebra-
ção, entendi que devia ser
catholico apostolico romano.

Saldanha—(categorizado) não
me dá com heresia, sr. Viriato,
quanto ao nosso partido, da defesa
do Voto, que tem apunhado,
deixei tudo da roça.

Viriato—(com ar triste, di-
zendo a pensar ser bonito).

Eu, sr. presidente, imaginei um
retrato, tornaria o nobre do
propheta, e como não sou orador
e nem philosopho, pensei que re-
presentava a Santo Pedro de Roma
que teria conhecido!

Saldanha—(com a cara de quem
está a meio dia).

Quem me dera ser frade,
que as cousas me seriam outras!

Viriato—Eu creio em Deus, e
na immutabilidade das cousas, no infer-
no e no limbo do purgatorio, e al-
guns das almas venho d'este
mundo, mas para tornar-me o
catholico, disse que era um abito
de recolhimento em Jesus Christo.

Saldanha—Fallo a verdade
e a razão, sr. Viriato, não ha

Viriato—Eu ambos... mas de-
testo o diabo!

Saldanha—Acabem com estas
ridiculas e vamos tratar, do que ha
de melhor!

H. Carvalho—Sr. presid. nte,
tentava-se consciencia, n'esta casa,
e lembre-se que os d'stes estão
passados e não se tem feito!

A. Coelho—Pego a palavra—
A virtude moral é o interesse!
o dinheiro é a mollia real do
mundo!

Sr. presidente, sem o dinheiro,
este mundo era um deserto, im-
mercia ao nente no silencio, enfi-
ndas magias! Por isso tan-
guem me condemna a forma da
discussão.

Saldanha—(levantando e tiran-
do uma caixa de ouro com rolo
de bolso e tomando uma pitada).
Santo bruce da marca!

O dinheiro! muito bem! muito
bem!

H. Carvalho—Que infâmias,
Sr. presidente, que infâmias!
Sr. presidente, que infâmias!
Sr. presidente, que infâmias!

A. Costa—Não apoiado—Abu-
so de Deus o ouro!

Eu tenho alguma influencia e
boa força e as armas, mas auxi-
lada pelo dinheiro.

A. Costa—Faltam-me abito-
es e o marisco! Não esquecerão
de mim. Eu não preciso de di-
nheiro!

A. Coelho—Pois eu o quer-
ro! Não se arrepende...

Viriato—Não pude concluir
com o meu discurso. Eu queri
tratar da corte romana dos Jesui-
tas por A. Herculanor, depois in-
ter ao velho testam. nte, e até qui-
li provar, que o juramento por
sua serve e que mudas vezes
nos mette no inferno.

Todos amem.

VOZES DO ECHO

Fui honrem ao Egypto.

Ja a cousa estava mudada;

Achei lá tudo bonito,

E mui serria a contemplada,

Ja não havia confusão.

E nem tão belas as cousas!

O custo é o presidente,

A Julia o sr. Viriato,

E o sr. Saldanha o sr. Viriato.

Estava tudo bonito,

Desta forma já se gozou

Entrar lá na gileira,

Se ouvia a voz de

E não ter algum desgosto.

O dia estava bonito

Com a brisa insinuante!

E eu estava desiluso,

Que não havia mais pedras,

Que lá fosse interromper
E o seu bodeijo metter
Em allocução alliva.
Como ali é moda nova
E é lá mesmo a prova,
Que não deixa de ser feita:
A acção do Viriato.
Interromper ao Carvalho,
C'mo na saia o malho,
Do mais ferreiro lograto.

Desta vez fallou o Chico,
Muito bem, sim senhor...
E en admirado ficou.
Meu caro sr. redactor,
Quando ver publicado,
O discurso do deputado,
Que na minha opinião,
Elle mostrou todo fip.
Do processo do B. m. fim,
Com toda a exactidão...
Diz o Carvalho somente:
Que d'isso só é culpado,
E' o partido castrado!
O Castro e o presidente!

Ja é muito immoral!!!

—Dois homens dignatarios,
De cargos imaginarios,
A fazer somente o mal
O Castro e o sr. Bandeira,
Que não são de banhaeira:
Pois um é homem castrado
De mui alta posição...
E o outro é santaria,
Pelo Mour o é m' d'alo,
E q'm vive sob a cruz,
De mais pura fundação.

Como o nosso Deus Jesus!

Si o suspeito for mui crente,
Eu respeito de coração,
Pois não é lá muito decente,
Fazer-se marmosco. —
A religião de algarim,
Que n'isso não nos vai bem
Andando sempre offendendo,
Pois se procedermos assim,
Essas fincas tendendo,
Ao velho conhecido,
Que tem o seu relatório,
Sem precisar de dinheiro.

Amigos sr. redactor,

Não me sae á de cachofa,

Qu'este beato deuter,

Ma parece ser cirro!

Pois quem é lá o sr. Viriato,

Mestre lá da Academia,

Não se sujilla a m' alma,

D'uma qualquer castração,

Não venha de tão longe,

Este velho, crente monge,

Satisfazendo paixões

Da politica tão m' ajuada,

Como triste aversão,

Nos m'os d'estes algarim

De m' pregos tão fin n'os,

Assistindo a degração

Da p-fres para de finmuit,

Que não tem outro recurso.

M's do que sofrer cada
As distribua do castrado
Que sabe fazer discurso!

Gostei de ver o castrado,

N'esta ultima sessão,

Exhibiu-se darelinho!

Fiquei de queixo na mão

Ouvindo tão apressado,

O discurso do deputado,

Que disse commigo meimoo

Meu Deus, o menino é genio

E' d'este scenario o proscenio!

Que trata de tudo a dama

Sa forma decorado ou não

Os discursos do castrado,

E' bom que se ouça sosado,

Tão sottimo allocução!

Fallou em leis e direito,

Em camara municipal,

Citou com tanto geito,

O que a bancada liberal

Queria tão bem seguir,

O certo é quem ouvir,

As leis q'o menino cita,

Regulam n'os artigos,

Paraphraseo tão antigo,

Que parece uma dita,

De tão pequeno menino,

De nada se esquecer,

Pois um d'isso me m' crece

E não lhe falta nunca o

E' massana e muito forte

Sr. redactor do Echo,

Houve na sala uma sorte

Do frei marmosco, o marmosco,

Que pello a palavra

Nada disse de sua lavra

P'isso na outra carta

Que eu pretendo escrever

Testarei do lio dizer

Que a cousa esteve farta

Beranger Seul.

A LUTA DO MARRUSCO

No vasto valle, da casa do Egypto

Estava espantado um touro valente,

Marrusco castrado, d'um pasto malito,

Cavando e arando, com força d'ouro

Fazendo o trabalho, no meio da saia

E o povo correndo da sala vinda

Depois de um uro, cavando na ch'la

Que ali de D. Pedro a castração vinda

Tremendo de medo os alcos depozia

Em ver ao valle este touro bravo,

Fazendo tremores e tão apressado

Deixando a saia, ficando vazio

Estava o marrusco, lanchando a vista

Ficando na cara, logo a cornada

No cara de um velho, por como fustiga

Deixando-lhe as orelhas, e a cara inchada

Tudo tremendo de tanto valente

Que fustiga de villosa, d'um fustiga

Quanto ao raposo se mette na festa
E de a política aguar e com a Costa!

Não tem a cabeça, nem nada do mundo
Nem rei de Copas, dos campos e do
Do rei entre os homens, não há nos segredos,
Não tem a cabeça, não tem a Costa!

Acorrem-se os leões ao mal de salt
Mortos-lhe os pés, os pontos dos pés
Yacaria-lhe a foga, não há foga,
Que o leão não, deixando a foga.

Calha a cabeça a força do leão
E a cabeça dos pés do tyrano!
Que não calha a foga, não há foga,
Que o leão não, deixando a foga.

Dupla a foga, que não tem palma
Nem a cabeça, não tem a foga,
Que não calha a foga, não há foga,
Que o leão não, deixando a foga.

(Misquitos)

A política dos zârolhos.

Ha o principio politico que
na actualidade se ergue sobran-
ceiros—o strabismo.

Se zârolho—eis em que
consiste hoje o caminho do po-
der.

E das olympicas alturas em
que Augusto salmina os morta-
es, qua o rei de copas impõe
a cabeça, não tem a foga,
que o leão não, deixando a foga.

E temos politica, politica
como nunca vimos. Marchan-
do de zârolho, por caminhos
tortuosos, sobem ao poder en-
ta mil e tantos a quem o
strabismo do chefe protege. E
o credo vêgo d'esses pulhas
salsinhos e olhar torto e pro-
ceder obliquo.

Al... se este povo não
fôr capreiro, se não dobrasse
a cabeça a qualquer jogo,
e não fôr bô a auditeira e
olhar, operar-vos-hia do strabismo
chil casta que recebeis
a lei eloquente rei de copas.

Em pleno recinto da mixor-
dia, esta traquitana que com
estranho publico funciona no
Foyote ergueu-se ha dias o gran-
de Chico Repolho. Ilustre pró-
do zârolho e um dos mais vés-
tos talentos d'esta terra, pro-
fessando contra o que elle cha-

ma do pasquiveiros, contra a
oposição liberal e contra o
jornalismo que lhe tem valido
as sandices. O rôlha na phra-
se de Borlha, esbravejou, gri-
tou como um possêso, e can-
cielo passando o ramo ao ho-
nesto negociador de envelopes
benevides. O nanico ultrajou
e escoceu a vontade, bem en-
tendido—na ausencia, aquellos
que lhe têm espremito o fôlo
orgulho.

Mas a quem chamas to pas-
quiveiro, meu lóllas?

Acharás acaso que nós que
pegamos na penna para te re-
zir a vaidade de porro a quem
o pai faz a cama, merecemos o
nome de pasquiveiros? Mas
não te lembras tambem to, o
mais ridiculo da maioria ridi-
culo dos teus, tu que almas
das immundades da tribuna
ainda mais pasquiveiro és?
Traz tu a responsabilidade do
que dizes, pap'gaio de taverna,
tu que decoras e recitas as
orações do velho papá?

Calate Chico; tem pruden-
cia. Olha que poderes ainda
e temos a esperança de libertar
lhos.

Dizem por ali menino que
contas para as tuas insolencias
com os auxiliares do Juca va-
cca.

Não vás atras d'elle porque
nem elle nem todas as bestas
do mundo inteiro poderão li-
var-te da barrêlla do ridiculo
em que te vamos metter. Quem
me avisa meu amigo é.

Para terminar este esboço
da politica dos zârolhos aqui
abaixo damos os mandamentos
do rei vêgo:

1.º—Só ver pelos olhos do
rei de copas;

2.º—Nada dizer que não
fosse plausivel pelo mesmo;

3.º—Guardar as costas e
encher de dinheiro os bolsos
de Chico Repolho teu filho;

4.º—Honrar a politica do
minante com a presença de S.
A. Palifaria;

5.º—Não ronbar dos parti-
culares, mas tudo tirar do the-
souro;

6.º—Não matar a colaga de
certos galfatros que com gar-
as querem abrir os cofres da
nação.

7.º—Não levantar testemu-
nhos falsos dos adversarios que
tiverem virado a casaca;

8.º—Não cubigar a gloria
do rei de copas;

9.º—Não lançar vistas más
sobre seu dilecto filho;

10.º—Nunca deixar de re-
comendar o rei vêgo admi-
ração dos povos.

Estes dez mandamentos re-
sumem-se em dois:—Fazer do
rei de copas um deus, e da po-
litica as paléas que se quizo-
rum.

Amen!... (1)



Quinta-feira 1.º de Abril, dia das
tochas, pegamos uma peça ao Juca-
vaca. Foi o caso que fizemos
imprimir o novo jornal com to-
ta verdade, e o leu m'endo aquil-
lo, atirou as lhas em cima, com-
prando a edição inteira!

Quanto de optica. Acostuma-
do a ver capim, trogonou-se, e só
ten pela coisa quando já havia
misturado a metáfora.

Chico Repolho que o livrou do
uma indigestão de papel, avizant
avizand-o da peça.

(1) Este artigo é produção
de quatro amigos nossos:

1.º Francisco Augusto
2.º José Olympio
3.º Viveiros Gomes
4.º Repolho de Castro.
Aos quaes agradecemos a
distincta collaboração.

O chico fez uma oba memoratoria:
salvou o Echo.

Deus salve o chico!

ECHOS LIVRES.

Triolets.

A' Castellanôa.

O Chiquinho barrachista
Aula contente, pois não é...
Na ta temo das chiquitas
O Chiquinho barrachista
Da salada das pastas
Camacho grande capão...
O Chiquinho barrachista
Aula contente, pois não é...

O macaco d'uma foga,
Chimpanzé do partido
Já te copam em oitiga
O macaco d'uma foga
D'alta da vacca, amigo
O colre queres trado,
O macaco d'uma foga
Chimpanzé do partido

1

A grande vacca leiteira
Essa besta dos curros,
Já pinto muita asneira
A grande vacca leiteira,
Das castiças na go, y matreira
Já deu em vasa-borras
A grande vacca-leiteira

O potente Juca-burro,
Com licença da palavra;
Tu és mesmo um camuro,
O potente Juca-burro;
Tod a tremam de teu burro,
Das sandes a da tua barra,
O potente Juca-burro,
Com licença da palavra.

II

Saldôa, tu és Saldôa
Oa camello, sim, senhor...
Em vto escondes a mania,
Saldôa tu és Saldôa
Lá de Costa n'armanha
Faz o papel da董事...
Saldôa tu és Saldôa
Oa camello, sim, senhor...

III

Variato, Variato
O homem dos juramentos,
Voltaste olrar no teu acto
Variato... Variato.
Juraste mais currito
Negando teus pensamentos
Variato... Variato
O homem dos juramentos.

III

Para todos grans canellas,
Apodantes do castro,
Sej o di di mitta polha,
Para todos grans canellas;

Ao castrão que nada valha,
Capim deem em porção
Para todos grana canalhas,
Ajudantes do castrão...

Esses anos emproados,
Anacletos e calerva,
S' improvism potentados,
Esses anos emproados;
Pelo povo chicoteados
Serão todos de conserva
Esses anos emproados
Anacletos e calerva.

K.—Astro.

A' exm.^a sr.^a d. Maria Amélia da Silva Ferdigão

Dorme Maria A. na fresca brisa
D'um luar ameno e seductor
Consola-te porque és fraca
E que te trahiu o amor.

Consola-te anjo querido
Vergem do meu coração
Flor da minha mocidade
Que por ti, sinto só paixão.

Flor da minha mocidade
Anel da minha existência
Consola-te porque és fraca
Fazer não podes existência.

R. N. R.

A aparição do guarda-sol.....

Apareceu a final
O guarda-sol do Castrão
(De outro mais bonitinho)
Foi um caso mal fallado
O chapeu estava guardado
No seu quarto do correr
Por tanto não ha que ver
O chapeu não foi roubado
Foi um engano da sombra
Da irmã n'uma janella
Em noite mal barracosa
Em casa de uma mixella
La no beco da Caella
E vendo uma sombra estampada
No muro que está visinho
Não conheceu o Chiquinho
Vendo o flante com a nimbella
Exclamou estou roubado?
E outro rudo a nem tir
Com o guarda-sol sobrapado
Lhe diz, desfarçado
Como meca no estrado
Va para casa a correr
A desmanchar o engano
Vá—dá parte ao Delegado
Da haver um chapeu achado
Igual ao seu Castrão!

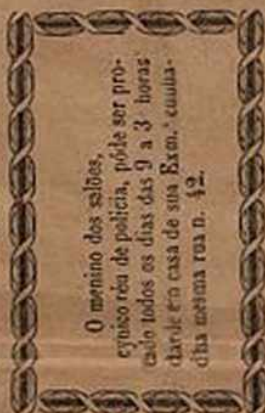
Numero exacto !...

A certo typo que todos os
dias das 7 horas da manhã

as 10 da noite, leva a caco-
tear os ouvidos de uma po-
bre menina, moradora a
rua da Palma, pede-se o fa-
vor de deixal a descansar
ao menos uma semana, vis-
to a pequena já está bastante
doente e cada vez... ma-
is feia!

Se o typo atender ao nosso
pedido, prestará um grande
serviço não só a ella como
tambem a seus patões.

A Taboleta verde.



O menino dos selões,
cyrico rei de policia, pôde ser pro-
tecto todos os dias das 9 a 3 horas
d'onde em casa de sua Exm.^a cuia-
da mesma rua n. 42.

Redondinho redondão não tem porta nem portão.

Temerosa tempestade
ameaça o Dominguinho
que já se move aos salinhos
dentro do frasco suado
e ao seu Deus agarrado

Ua cheio de convicção
pedem com instancia ao Marrusco
para o aspergir d'agua benta
já que o Casaca o isempta
de carregar um d'ploma
visto que seu Deus Mafoma
o condemnou a tatarato
a viver impertinente
privado do bom toucinho
e a que está magrinho
que a todos já causa dó
pois toma mocódoro
que é remédio a certo
para menino desmamado.

Advinhações !

Quem adivinhar terá um doce?
Qual é o deputado que se pa-
rece com rôba de garrafa?

Qual é o deputado que antes
de sentar-se passa, trez vezes, o
lenço no rosto?

Qual é o deputado que tem a
eira quebrada, como orubú, quan-
do leva chumbo?

—Este é o Aranha Costado)
Está dito meu amigo
Fique-se com o doce
Não se agaste commigo—

J.

O principio de s. Borges chefe do Pagão do Pau Deltado.

Cada qual tem seu officio,
Quando quer ganhar dinheiro
Mas riem-se como o pretinho,
O Principe Borges barbeiro.

O Diabo do pretinho,
Refinado feiteiro,
Com a navalha faz barbas
Com carias ganha dinheiro.

E feiteiro, na verdade!
Tem andar bem prazenteiro
E jogador maltrapilho,
O Preto Borges barbeiro.

Foi aparrado no jogo,
Esse mal-lito negreiro
O Preto do Pau Deltado...

Men macezo, toma lento,
Tu és valhaco e sendeiro,
Não não temos os costumes
Do preto Borges barbeiro.

Os ladrões que tu chamavas
Mais o torres q'antão
Nunca prestado fôrça
Como seu Borges barbeiro.

Vai trabalhar de thesouros,
De navalhas meu bregreiro
Larga o jogo, que não presta
Meu preto Borges barbeiro.

Março 22 de 1886.

Lino, mão de Pacto.

A mesa de Devção das Tres Pessoas da Santis- sima Trindade.

De ordem da Secretaria da
mesma são convidados todos os
cordeiros a comparecerem hoje no
consistorio da Igreja de S. João,
das 5 1/2 horas da tarde em me-
za d'Assembléa geral a fim de tra-
tar-se de assumpto a respeito da
festa e o bem estar da mesma so-
ciedade.

O 1.^o Secretario,
Aristides A. Sudré Vidigal.

ANNUNCIOS

PREPARATORIOS:

Nesta typographia se
indica quem vende por
preços baratissimos, li-
vros para qualquer das
materias d'esse curso.

VENDEDORES

Nesta typographia pre-
cisa se de vendedores pa-
ra este jornal.

PIANO

Na rua do Sol em casa de
Bruno Manuel Ferreira tem um
para vender.

LETREIROS

Na officina de funileiro
de Leodeadio B. da G...
se habilitada para
estampar qualquer letreiro
em frente de casas com-
merciaes ou mesmo parti-
cular em diferentes gostos
por modico preço.

N'ESTA TYPOGRAPHIA

Imprime-se cartões de visitas, circulares
cartas, do calêndros, estatutos etc. o c.
Tudo por preço modico

Rua de S. João n. 88

Typ. de Manuel Silva & C.

L'ignorance est la nuit de
l'esprit, mais une nuit
sans lune ni étoiles.

O ECHO

L'instruction est l'orgueil
du riche et la vertu
du pauvre.

JORNAL CRITICO E NOTICIOSO.

ANNO 1

Numero do dia 40.º
Anterior 290.º
Assinatura para a capital
por trimestre 25000 Rds
(da n.º 1) e 20000 Rds
de S. João a 30.

MARANHÃO, 7 DE ABRIL DE 1886.

Publicação
Publica-se todos os ar-
tigos de interesse geral.
O mais confiante e agudo
O ECHO publica os seus
veros e proprios.

NUMERO 32

O ECHO

Abri 7 de 1886.

Expediente

Em vista da grande ac-
tuação que tem tido o
nosso jornal resolvemos
abrir assignaturas para
a capital sob as seguin-
tes condições:

A assignatura será de
2000 por trimestre, (pa-
gamento adiantado)

COLLABORAÇÃO.

Assembléa do Egypto.

Discurso do Exm. sr. Castrinho.

Havendo o numero sufficiente das
Srs. deputadas e aberta a sessão,
abre a presidência do Sr. A. Costa.
— Castrinho (com ares de ora-
dor e de tribuno eloquente) Sr.
presidente: Quil a secca de 1877
e 1878 em me apresento perante
esta reunião? Não venho como
um proletario e sim como um
filho digno e abençoado de
um paiz, tão festejado!

Sinto no salino coração da an-
gustia e da dor, e me sinto
agressão barica dos lib-
res, que implorão o maná da céu!
Eu não lhes darei covardias o
que almejam! Eu sou a secca,
os pobres emigrantes, famintos,
e prestes a morrer...

Saldanha (abrindo a bocca e
bravendo-se) Ah! secca cruz!
Eu bem me lembro do que pas-
sou-se: houve muita fome e não
seja estimo com ella—(cont-
inuando)

Nestas montes solitario,
Quê a tristez me tem,
Fallo e não me respondem
Ocho e não vejo ninguém

Costa—O que é isto? Sr. Sal-
danha, que estiga a secca?

Saldanha (admirado) U! que
esquecimento! pois eu não pen-
sava, que estava na Rocio, e
lá em casa, de baixo da manguei-
ra.

Castrinho—No anno de 1887,
se não me fallia a lembrança, foi
que surgiu aquella noção tão
medonha da miséria! Estava eu
nos estojos! Bem criança! já
sabia o que havia acontecer...

Sr. presidente, não sou a pa-
rela da Cruz, a preciosa vida
de meu paiz, sou a virgula exem-
plar, o cruce de eleição, sou a
realda da situação, a humildade da
nossa secca, a humildade da
nossa constância e nobreza, a
favorita opereta de offenbach.

Sr. presidente, sou um piano
harmonico, que faz commover o
amigo de nossa alma com uns
notas m! f! f! f! f! f! f! f! f! f!
maior preciosidade de meu paiz
e o maior homem do mundo.

D. da Silva) Ele é o Moys-
es do velho testamento!

Castrinho—Mas do que to-
do... e o Deus da meu Paiz...

Saldanha—E' o meu irmão
mais velho dos missionarios...

Costa—(alegre e rindo-se)
Obrigado.

Querem que seja até o padre
Santa da Roma!

Viriato—(fretado) não me
fallem neste paiz, meus sr., era
frades, não quero insinuar...

Brandão—Peço a palavra, eu
um projecto tão bonco, que nin-
guem ouce, e todo tremulo tirou
a cruz de rapé que cobria das
mãos, e deita pó, na cabeça de
H. Bello e Viriato, que se levan-
tam sacudindo os cravos... Eu
fim tenho dito, ego non sum di-
gnus.

H. Bello—Missa! Missa! meus
Srs.! O Mirco! não está cele-
brando o acto, (apontando para
elle) (oh! fr. Bernardo da Pie-
dade, eu tenho a honra de cum-
mentar).

Viriato—Não venho com ho-
rerias! Deixem isso para outro
dia).

Castrinho—Srs. attentos!...
A lei de 1823 addicionada com
o Aviso de 15 de Maio de 1816,
paraphra 4.º do Direito admi-
nistrativo, com o Acto addi-
cional de 5 de Junho de 1700, e a
lei do Bom Successo de 1700, e
de Balthão Jorge de 1315 traz o
seguinte: o deputado que pedir
actos para eleger-se, e não fallar
na assembléa, é um antihomem
e incorregavel!

Galeria em sussurro (Fôta f!
f! f! f! f! f! f! f! f! f! f! f! f!
Castrinho—A lei de 4 de ago-
sto de 1874, com a do dia de São
João e do São Pedro, adiciona-
do ao Acto do dia de São Bar-
tholomeu (21 de Agosto) São
Agostinho.

S. Andre e São Saturnino diz:
A galeria não poderá entrar em
discussão com a casa do Egypto
que é toda santa!

Ordem, Sr. presidente e depois
não temo o dia de São João,
que é o fim do mundo!

Saldanha—Ah! menino as-
bido! tantas leis! tantos santos
Não falem em razão.

O menino dá quebrante
Tudo o que diz elle faz!

Castrinho! Eu que sou um
genio na oratoria, não venho
empresário, mas que sou um
bello dia tudo, hei de fazer que
lhes de inchar, e estourar, qual a
ra da tubula! Estão prestes a
morrer de minha vaidade! pobre
e frágil humanidade!

Eu tenho a esta cabeça (tulen-
do na testa) uma livreria toda de
rôr! Sei desde o dia que Deus
foz Adão biblico até a virgem de
Pedro segundo na Europa!

Eu sou tudo, sou um encyclo-
pedico! entendo de tocar viola,
cabeça, coço de a' fante, batto no
sapo, reboto perrebo, danço mi-
nigite, canto modinhas a meia
noite, suspiro, choro, recito, im-
proviso discursos, advogo, sou
paralítico, romancista, poeta can-

taute e versojoate, rezo, sou con-
ventos e argumento com o
ga Aristides sobre o 4.º e 5.º
pista que os lexicographos
querão!

Abacada conservadora
to tem muito bem—E f! f! f! f!
o andar, abragado e leve
bracos até sua residência no
da fortuna, conto da felicidade,
beco da castração, n.º Ponto do
analise.

TRECHO ROMANTICO.

O Cimbório

(Fragmentos de paginas perdi-
das, d'um velho alfarebano.)

Foi n'uma d'estas bellas ma-
nhãs, em que o céu está limpo
depois de uma noite de chuva e
modinha procellosa, que amei
ta aos genios frageis da humani-
dade, que deu-se este facto as-
sombroso que admira o universo
em extasia pela forma d'esto
brante que houve a apparição de
um santelmo, um genio n'esta de-
canta da Athenas!

Vou a luz um genio, o deus da
tribuna, o homem feito verbo
Cimbório encantado, o homem fei-
to menino, este heroe litterario,
que ninguém o desconfia.

N'esta dia tão santo e sereno
As aves solitario e seu threnos
H'ave alegria no mundo!
De nacer um genio profano!

Ex o Cimbório, erigido em ha-
liza!... um n'itro em tem-
pão, e milhares de leguas no en-
tendimento!

Que contraste! Como a natu-
reza é sabida nos seus segredos!

De uma figura pequena, grá-
ta, parecida formou o meu me-
mo da actualidade! mais a ló-
do que os seos sabios da Grécia,
e no entanto vive o Cimbório

Viste, porque diz que quer aprender? O que mais, si elle já des-cubrio o impossível!

Tem o dom da alquidade! Advinhão sem segundo... des-cobre os mais reconditos segredos, e quando está na tribuna não ha vivente que tenha a ousadia de levantar a voz, sem o que não fique dominado pela força eléctrica do *homunculo* o do seu magnetico fallar!

Nem Sotero soubo melhor conhecer as belezas da nossa lingua como este pequeno encantado?

Nem os maiores lyricos do se-culo passado e presente cantaram mimosas enleadas como este barão saudoso.

Nem Milton escreveu o seu paraíso perdido melhor do que as lições que elle ensina a sua bandada, do amor prohibido f...

Em fim oradores nenhuns de nossa conhecida lras levará a palma!

Oh! que saber! Que maravilha!

Que asombro no seculo XIX, e agora só lhe resta a estatua que lhe servirá de monumento, que levará ser collocada em baixo pedestal como mereço o genio, só visto com binoculo ou oculo de alcance, tem que perder-se o vulto na immensidade, e qual o ether some-se no ar f...

(Continúa.)

O reinado do Juca.

Está a salinha transformada em *hareem* do Juca-vacca, alli onde outr'ora se reunião homens serios e honestos para tratarem dos negocios da provincia; vê-se hoje meia duzia de energumenos, que, semilhan-tes a essas messallinas baixas e tolpas que são os cancores mais perniciosos que roem a sociedade moderna, se entregão de corpo e alma ao rei vacca.

Na ultima sessão da mizordia um cavalheiro, elector liberal e pessoa de reconhecido criterio foi aggreddido na gale-ria da couda, por um dos se-quazes do vacca.

Ainda a pouco tempo o me-nino Chico-Repolho levantava no recinto da patifaria, a sua voz de falsete para censurar um sacerdote que zurrava com

duras phrazes a petulancia do biltre; hoje meia duzia de em-pregados de bonde, são para-ally mandados pelo seu chefe para apoiar aos seus e insultar aos adversarios.

Tal é o reinado do Juca.

Poderá ser tomada a seria uma instituição sobre tal di-recção? É impossível. Con-serve-se o Juca na sua posição de vacca do partido e não aspi-re ir alem.

Quem, nasceu para dez reis nunca chega a violento.



PAGINA DEVOTA.

Os peccados mortaes da casa do Egypto são sete a saber:

- 1.º A soberba do Costado
- 2.º A avareza do Aristides
- 3.º A luxuria do Castrinho
- 4.º A ira do Viriato
- 5.º A gula do Marrusco
- 6.º A inveja do Domingos
- 7.º A preguiça do Brandão.

Contra estes sete peccados ha sete virtudes:

- 1.º A humidade do Bello, contra a soberba do Costa
- 2.º A liberalidade do Euzebio, contra a avareza do Aristides
- 3.º A castidade do Saldanha, contra a luxuria do Castrinho
- 4.º A paciência do Cerveira, contra a ira do Viriato

5.º A temperança do Vieira, contra a gula do Marrusco

6.º A caridade do Bayma, contra a inveja do Domingos

7.º A diligencia do Juca, contra a preguiça do Brandão.

PAGINA VARIADA.

Os sentidos corporaes da casa do Egypto são cinco a saber:

- 1.º Ver o Marrusco arremet-ter
- 2.º Ouir o Castrinho dis-culpir
- 3.º Cheirar a Polvora (*) ex-hilar
- 4.º Gostar do Domingos fal-lar
- 5.º Apalpar ao Bello esca-molear.

ECHOS POETICOS

(Conto ao meu amigo, o jovem poeta e distincto estudante — Mon-trose S. Miranda.)

Nas brancas aguas de um rio
Que por um bosque corria
Travessa lá a mocinha
Num bote! se divertia

Negras tranças de cabellos
Nas espaldas lhe cahião,
Negras ciclos lunilios
A fusca fronte encobrião.

Negros olhos, que se mostrão
Mais bellos na cõr m'raza
Scintillão como estrellas
Por noite fresca e serena

Robras labios de cereja
Mimosas cõr de carimim
Deixão ver a entreabrindo
Atos d'ales de marfim.

Seu peito, morada ardente
Da desceja suspirios
Activa dos movimentos
Que remor produzidos.

Então o sol se sumia
Por detrás dos arvoredos
E a brisa fresca e macia

(*) Refere-se ao Costado, que foi tomada a parte pelo, aggreddimento.

Suspirando nos ayvedos,
Sussurrando na folhagem
Movendo a verde ramagem
Dos cajueiros em flor,
Ouvir-se então parecia
Um murmurio de segredos,
Leve protesto de amor.

Oculto por grosso tronco
De verdejante ingaseira
Cujos ramos se estendão
Do rio por sobre a beira
Um vulto d'homem espreitava
Nesses tão doces momentos
Os menores movimentos
Da jovem, que alem brincava.

Da outra margem do rio,
A travessinha morena,
Deixando o grosseiro reimo
Foi colher uma agucena.

Mas, ah! que o barco inclinado
Para um lado de repente
Sem ella que o governava
Desceu a mansa corrente

Dois gritos repercutirão
Por todo o bosque sombrio
D'ella e d'elle que alçou-se
Nas brandas aguas do rio

No outro dia, quando as flores
Se banhavam no rocio
E a lympba continúava
No sonoro murmurio
Dois cadaveres desclão
— Nas brandas aguas do rio.

A. Lemos.

ECHOS DE TODA PARTE.

Que vergonha!

Lemos na «Gazeta da Tar-de»:

O «Diario Popular» da Liabõa, em 17 de fevereiro ultimo, narra o seguinte:

«Ante-hontem de manhã, apresentaram-se no consu-lado brasileiro, no Porto, quatro pretas (trez adultas e uma menor) e um mulato, homem feito, e queixaram-se de que, sendo trazidos do Maranhão por um bra-zileiro de appellido Saraiva, morador á rua dos Bragas, soffriam os mais duros tra-tos, azorragando-os e ber-rando-lhes todos os dias que

elles não passavam de simples escravos.

Os pobres pretos aguentaram-nas por muito tempo, porque, ainda que gritassem, portas e janelas eram calafetadas para não alarmar os vizinhos.

Ante-hontem, porém, os miseros, auxiliados por uns vizinhos, conseguiram fugir pelo quintal, indo immediatamente apresentar-se ao sr. consul. Os desgraçados mostraram as cordas com que eram azoragados.

O sr. consul condeou-se vivamente da sorte dos infelizes, partiu logo com elles para o commissario da policia e tomou as necessarias providencias para por os pretos sob a guarda da lei e castigar o tal Saraiva que n'uma cidade livre tratava creaturas humanas como escravos.

Creemos não ser necessario entrar em largas considerações para evidenciar quanta vergonha nos advem da sequencia logica da instituição infamante, que nos observa e nos deforma os sentimentos.

O imperador que se mire neste espelho e continue a dar força e prestigio a ministerio e politicos do faz do sr. Antonio Prado, que se atrevem a decretar a redução do Ceará livre a escravidão.

Não serão os abolicionistas que necessitem de denunciar ao mundo o imperio escravagista; serão os Saraivas de toda especie os que se incumbirão de provar pelos factos quanto criminoso é acobertado pelo reinado do Marco Aurelio brigantino, a titulo de não perturbar a vida da lavoura brasileira.

Mirem-se nesse espelho todos aquelles que rebaixam a escravidão uma coisa util e absolutamente precisa para a nossa prosperidade.

E nós brasileiros tão aviltados não nos envergonhamos com esses e outros factos — que dão uma ideia bem clara do nosso atraso

Somos um povo desprestigiado, sem brio, sem dignidade e que ante o mundo civilizado damos o espectaculo tristissimo de uma nação que vive exclusivamente do trabalho de um milhão de escravos e isto em fins de um seculo chamado das luzes.

Até na Europa nós vamos mostrar as nossas bravuras como proprietarios de carne humana!

Miseria das misérias!

APANHADO DO «ECHO»

Em vista de termos diversas subscrições, damos jornal, ao sr. João e dona, se ali se a grande lavoura não tiver mudado, extinguir-se os nossos tipos e prelo.

— Oureto letreiro II. —

Decidimo dar que o Gerolamo, está despedido e transferido para a presidencia da república, se ali se a grande lavoura não tiver mudado, extinguir-se os nossos tipos e prelo.

Não há mais de lavoura que não tenha sido a Vitoria, sobre a que o mesmo fallou, se ali se a grande lavoura não tiver mudado, extinguir-se os nossos tipos e prelo.

Dizem que a lavoura da telegraphia, confessa-se agora, sobre a que o mesmo fallou, se ali se a grande lavoura não tiver mudado, extinguir-se os nossos tipos e prelo.

ECHOS LIVRES.

Homenagem ao merito.

O distincto tribuna R. de Carvalho.

Hontem tivemos a felicidade de apreciar o talento do exm. sr. R. de Carvalho, na tribuna!

Deixar no silencio suas palavras, que ecoarão no recinto com verdadeira sinceridade o que seus labios proferiram a bem dos interesses de provincia e da honestidade, seria uma impiedade de nossa parte!

O Exm. Senr. Carvalho é um vulto illustre e que muito honra ao mandato que merecidamente lhe confiamos.

É um orador energico, quando se trata de mesquinhar os mais bellos sentimentos e ao passo que moderado, brande e compassivo quando trata-se da moralidade e da defeza da innocencia!

É hoje a vulto mais saliente da nossa assemblea e ninguém poderá negar esta verdade!

Não apresentamos phrases nascidas pela inveja e nem pela ironia, porque nossa sinceridade não authorisa-nos a representar um papel indecente perante a sociedade em que convivemos!

Toda vez que queimamos incenso no thuribulo da verdade não faremos mais do que um dever de pura homenagem, tribulada ao verdadeiro sentimento de honradez!

O exm. sr. Carvalho póde gloriar-se de ser o primeiro vulto na presente assemblea provincial, e tem bastante dignidade para isso, já como instruido em escola aliada e que tem enriquecido o seu espirito na sciencia e em litteratura primorosa, já como jornalista de longa data, que tem sabido manejar a pennam com pericia n'esta missão cheia de espinhos e toda molin-frosa, sem ter tido tamanha desalheição.

Como tribuna é eloquente e sua maneira de fallar é a mais sympathica possível! Dispõe de grande recurso intellectual; e suas discussões são calmas, firmadas sempre sob o alicerce de bons principios de moralidade, pelo que tornam-se tão dignas do assumpto que o auditorio não pode deixar de cobri-lo de applausos.

Ninguém por certo virá contestar o que temos expellido, pois seria grande temeridade ou um sacrilegio, desrespeitando a homenagem votada ao talento e ao tribuno.

Passemos de rapido um olhar na forma do proceder da bancada da situação dominante, do partido da ordem, analysemos o que succedeu em premio a sua insolencia!

É moda interromper-se com disparates a todo e qualquer membro da minoria, quando tenha por infelicidade ir tratar de qualquer assumpto; mas lhe salirão o anno bixesto com o intrepido o exm. Carva

lho, que deitou lhas a mascara a baixo, e censurou energicamente esta forma ridicula dos sr. verdadeiros representantes da provincia!

Parabens, sr. Carvalho! Não vimos com estas phrases singellas, animal'o para o combate; porque seriamos naturalmente imbecis se ousassemos dar-lhe estimulo, pois v. exc. que dispõe de longa pratica da vida e assaz conhecer de utilidade da miscere da vella Horacio, não deixará de saber o que é justo e real!

Apenas vimos tributar-lhe o dever de gratidão pela defeza da aggressão que romps victimas, e dar-lhe esta prova de admiração a sua digna pessoa! Hontem esteve animado a discussão e nada mais digna do que a figura saliente que apresentou o exm. sr. Carvalho, no seu bem elaborado discurso, que primou pelo assumpto e pela forma brilhante porque foi proferido.

Honra ao merito.

20 de Maio de 1900.

O merito dos sabios,
O cynico tem de polleia, póde ser pro-
curado todos os dias das 9 a 3 horas
da tarde em casa de sua Exm.ª qual-
da, na mesma rua n. 44.

O lembrar d'uma flor

Te lembras oh f'ango
Do nosso longo amor,
Te lembras oh f'ango,
D'aquella caprida flor?
Te lembras...

L'ignorance est la nuit de l'esprit, mais une nuit sans lune ni étoiles.

O ECHO

L'instruction est l'arène du riche et la vicieuse du pauvre.

JORNAL CRITICO E NOTICIOSO.

ANNO I

MANHÃ, 9 DE ABRIL DE 1886.

NUMERO 14

Expediente

Em vista da grande necessidade que tem tido o nosso jornal resolvemos abrir assignaturas para a capital sob as seguintes condições:

A assignatura será de 2000 por trimestre, (pagamento adiantado)

O ECHO

Abril 9 de 1886.

Sob a mais clara impressão das violências praticadas pelos agentes das esferas policiaes desta intolerante situação do partido da ordem, gemem nos seus companheiros em creanças e dignidades no esquecido Mirador!

Não ha segurança individual e a propriedade com a maior ameaça em sua tranquillidade!

Perdemos a esperança da guerra nos vultos mais respeitáveis d'este partido, que são os Exms. Srs. Castro e Bandeira de Mello!

Um respeitavel por todos os dignos predicados sociais e outro por seu espirito religioso e assaz philantropo em suas qualidades puras pela caridade!

Já não temos confiança n'estes dois figurões da actualidade.

A voragem da politica os cogit e hoje sendo aos deveres conscienciosos devião se dominar por alheias paixões!

Triste e bem triste é o estado da situação dominante!

Qual moribundo que jaz no leito de dores a soltar o ultimo lamento de angustia, prestes a espirar assim está a situação do partido da ordem!

Tão cedo já aproxima-se o termo fatal de sua existencia!

A unica esperança, que tínhamos em nossas corações, vai desaparecendo, e só vemos um horizonte, que vem desceitilhando-se paulatinamente, cercado de turbulências de medonhas nuvens negras!

Quando notavamos, na frente d'esta politica, estes dois vultos imponentes movia-se, não deixavamos de exclamar: le prater, como unica esperança para esta infeliz provincia, que geme sob o odio violento e a perseguição injusta d'estes bandidos, que vêm se aliar na bandeira do partido do egoismo!

—Mas illusão!...

Foi uma chimera! um sonho que dominava em nossos pensamentos!

Os Exms. Srs. G. de Castro e B. de Mello não tem podido mostrar seus caracteres imparciaes, como sempre foram considerados em luta politica!

Nossa esperança tão depressa extinguiu-se, como a lampada a falta de oleo!

Já não temos plena confiança n'estes dois vultos tão importantes por que ouvimos os gemidos das victimas, o medo da população que se agita, e mais que tudo o terror no lar da familia!

A illusão tão cedo manifestou-se, e vemos triumphar de to-

dos os lados a injustiça, o mau politico, a perseguição, a agitação de um modo feio e revolucionario.

Eis o exemplo em Grajaú e Mirador!...

S. Exa. o Sr. Bandeira de Mello parece que dorme a sono no solto.

Queira despertar, Exm. Sr. desta pesada letargia e digno-se lançar suas santas vistas providenciaes para o alarme que assusta as ruas desertas para gens que prece dos seus auxilios episcopais...

Devia o Exm. lembrar-se da perseguição d'aquella infeliz população, que vive sobressaltada pelas fôrças dos agentes de seus esferas policiaes...

Parece que S. Exa. dorme!

Qu'eu pelo seductor imaginei!
Grita a imagem q'no erno eu vi,
Dorme impassivel q' encontrei
(na vida)
Dorme querida q' eu descinto
(aqui).

No entanto reina a paz no seu comodo palacio, e os vis hajadores sobem triumphantes os lograos sordidas de sua morada poetica e edificada para felicidade e consolo, o guiando na intolerancia do poder politico! e V. Exa. está desengado n'este engano d'alma feda e cego que a fortuna não deixa durar muito dormindo e m as idias cheias de orações, e o coração crente no premio da bemaventurança para gozar d'aquella vida celeste!...

Não é assim, Exm. Sr. que se toma o pesado encargo de administrador de provincia!

Não é desta forma que se vai a presença de Deus, quando fores interrogado por El, quizes os soccorros que deites de prompto para os infelizes do Mirador?...

Deixai a oração para as horas mortas da noite, depois da terdes durante o dia praticado a virtude, e desempenhados os deveres do bom cidadão, que Deus vos ouvirá depois...

—Desportai d'esta sona prateada que lhe cecão impõe os sonhos para prestar o que do valor do seu zelo administrativo!

Não vos deveis guiar por estes amigos intolerantes que vo colregão ao poder do demonio e aminha quanto tiverdes de entrar n'esta morada sombria, em que as almas gemem, e pianilo os seus peccados, não vos deveis arrepender!

O fogo do inferno há de apparecer em dentro fumaça para estes que fogem da senda da seus deveres e que não trilha o caminho da virtude e da imparcialidade!

Depois nada há que receir e nem tomar, exm. sr. é to que queixar-se de si mesmo, por—ter-se deixado illudir por seus proprios amigos.

Cruel situação!...

Até que tivemos do ser dominados por uma autoridade que vive de rosario a impoção a inspiração do divino espirito santo.

Compadecai, ah! Cest das

meus amigos, e daí mais juízo
e exm. sr. Banderi de Mello,
se tão puro e sancto como
tá, não precisava mais de ora-
ção para entrar no reino da
pátria, o que Deus o tenha por
euo seculorum Amem.

COLLABORAÇÃO.

Assembléa do Egypto.

Discurso do Exm. sr. A. Coelho.

Havendo numero sufficiente de
Srs. deputados, declarou o Sr.
A. Costa, que estava aberta a
sessão e logo pediu a palavra
o sr. A. Coelho:

A. Costa (com sua voz rouque-
nha, como peça de artilharia que-
brada diz: V. exc.ª poderá falar.

Aristides (com ar orgulhoso,
de poliante, solenemente e espi-
ritualmente com lei de postura mu-
nicipal, fica a olhar um olhar
para todos) pronunciando silencio...
O orador pede agua e de uma
vez bebe um pote, segurando no
vazo o sr. Sityro I...

Todos admirados! Que depu-
tado de folgo! engulio um pote
d'agua!

Aristides (olhando para o orador
balando no ventre f)

Sr. presidente: Foi-me preci-
so beber agua bastante, porque
desde hontem que sinto uma se-
cara humensa, desde o discurs-
so do Sr. V. da Silva!

Aquelle moço não está vendo
que ele e meu o pai d'elle são
esposes de igual Castro e o
meu amigo Banderi!

Oh! que demencia!

R. Carvalho—Porque? heimi!
A. Coelho (olhando o espanta-
do, como pescador triste que vê o
peixe soltar do anzol, que lança
um olhar triste para as aguas
que são correndo)

A. Coelho—Sim demencia, por
que nenhum homem no século 17
lá de ser mais bem acceto no
credo do que o sr. Banderi elle
será um J. Canistrano (santo pa-
drão da politica conservadora)

Saldanha (alegre) Deus per-
mitta que seja para nós beijar-mos
aos pés d'elle.

A. Coelho (com a cara gorda-
cha e olhando para o Castro).

Tenho fé em Deus, sr. presi-
dente, que nosso partido terá de
breve dar um tanto a Igreja, por
que o sr. Banderi é um virtuoso
homem!

C. Junior e santo f.

A. Coelho—Eu com a intelli-
gencia que tenho e saber, junto
do C. Junior, somos capazes de

fazer até do Saldanha um santo
Papa.

Viriato (com luneta parda en-
cima do seu nariz fino, qual po-
del dobrado e fingida risos de
moço bonito e fazeiro).

Arabem com historias de que
não folgo ouvir, pois detesto a
lingua e o costume de frades.

A. Coelho (bebendo agua) sr.
as leis do nosso governo são sa-
bias, como a cabeça brânica do
Saldanha; são tão justiceiras co-
mo a cara do sr. Bello que pa-
rece um pelotiqueiro de força.

Bello (com raiva se v. exc. for
capaz (battendo nos peitos) eu
libo contido para irmos na rua
jogar sócos! V. exc. é um co-
varde subsidiarista.

Aristides (rindo-se) santo Deus!
que fim! Eu quero meus sr.
é discutir a força publica, que o
v. sr. B. de Mello pede um
exercito de frades capuchinhos da
castilha de S. Ignacio a Loyola,
que são os frades mais sagas e
santos para defender-nos!

M. Brandão—Por minha infeli-
cidade, até o «ECHO» veio cha-
mar-me preguiçoso, mas se o
presidente mandar-me eu quebra
aquella typographia, typo. por
typo.

A. Leite—Eu, sr. B. de Mello, e nem
V. exc. é capaz!

D. Lima—Experimente as for-
ças.

Alcebiades—Pobre velho estu-
pido!

C. Fernandes—Cara de fuma-
da de tres dias.

C. Carvalho (não nos está bem
o ridiculo)

C. Junior—Apoiado.

A. Coelho—Qual a lei da Re-
gimentação d'este caso que não é
observado, estou prompto a re-
querer o meu subsidio.

Não quero politica, senão, senão
da Ego, esta é a politica do so-
berbo do meu Tio, e quem qui-
se siga outro itinerario, que o
não acompanho.

Aqui é modo falar-se da vida
albera e n'este terreno não discor-
to. Conta-me que meu amigo
João mandou os holandeses de
bona para ante elle, e se for
a sim eu me retirarei brevemente,
que isso não convem.

J. Marques (com cara de pel-
te que bebeu timbó, e o prescoço
cabisdo, como quem sahio da for-
ça) E' mentira! E' mentira!

Saldanha (cantarolando)

Oh casa de confusão

D. tanta descompostura

Se assim for continuando

Niuguem aqui se atura!

Aristides (sr.) aguardo-me pa-

ra amanhã para discutir o res-
tante.

Saldanha—(Por S. Bento pro-
tector dos mordidos do cobra) q-
não virei mais aqui, por que o
«ECHO» não me tem querido dei-
tar.

Todos—E nós também faze-
mos o mesmo.

ECHOS DE TODA PARTE.

Diz o «Commercio de Amazo-
nas».

A companhia lyrica recém che-
gada do Maranhão ao Pará, e que
virá também dar espectáculos
n'esta cidade, teve de renunciar
a assignatura e representação de
operas difficeis, por deficiencia
de artistas, que, entretanto, man-
dou contractar na Italia.

Enquanto não chegarem, a
companhia irá executando algu-
mas operetas.

A ser assim achamos que os
srs. Franco & Naghel andarão
muito bem...

Ainda diz o mesmo:

Consta que o governo italiano
aceitará a Hespanha como arbi-
tro para resolver o conflicto na-
vido entre a Italia e os estados
da Colombia.

—Será certo? f....

TRECHO ROMANTICO.

O Cinabro

(Fragmentos de paginas perdi-
das, d'um velho alfarrobo.)

Foi n'um dia poetico com que
a fresca brisa da tarde sussurrava
o medo por entre as folhagens,
na mais encantada estacão da pri-
mavera que tivemos a dita de ser
e contemplar este mimoso anjo
da terra, este deus menino, este
verbo homem!

Oh! que quatro admiravel que
contemplemos arrebatados!

Nem Raphael, o immortal pin-
tor de tamanha fama seria capaz
de idealizar um anjo com formas tão
seductoras f!...

E elle era pequerrucho e assim
mesmo já fallava sete linguas
inclusive o grego!

A lingua d'este menino Cina-
bro era tão flexivel que presta-
va-se para qualquer representação
no theatro lyrico e quem o visse
representando o papel de amoris

compensatus (opereta por Vuldini)
ficaria estupefacto diante do ta-
manha celebridade f!...

Foi n'uma tarde de abril, me-
das flores em que a terra abre o
seu seio para apresentar toda a su-
riqueza; em que vi este menino
cantar n'um bandolim a seguinte
e ternissima canção de amor!

Meu anjo! eu agarrado)

Ati somente...

Creias que ficarei

Todo demente...

.....

Tu és o meu anjo

Todo querido

Deixas que fique

A ti unido—

A tens pés prostrado

Não desprezarei

Ao anjo que adoro

Nunca o farei—

O «ECHO» responde... nua-

ca o farei... nunca o farei f!

E o Cinabro rio-se coberto de
applausos! Erão os anjos que
descido do ceos e vinhão cantar
honras ao menino—humem, an-
terbo menino, ao deus da tribu-
na, e em fim ao assombro da ter-
ra Maranhense.

(Continua.)

PAGINA DA FÉ.

Virtudes theologaes.

Fé no Castrão

Esperança no Banderi

Caridade no Mourão

Adivinhações.

Quem adivinhar terá um do-
ce? f!...

Qual é o deputado que pa-
rece com hola de bilhar?

Qual é o deputado que pa-
rece com cara de defunto de
tres dias?

Qual é o deputado que no
andar parece-se com o gato?

Qual é o deputado que tem
voz de taboca rachada.

Este é bem sei amigo;

Mas estou muito zangado

Da-me pr'a cá o doce

Qu'eu direi que é o Costado.

W.

Conselhos.

As coisas que mais tem elia-

mado a attenção do sr. Saldan-

ha é a casa do Egypto?

*L'ignorance est la nuit de
l'esprit, mais une nuit
sans lune ni étoiles.*

O ECHO

*L'instruction est l'ornement
du riche et la richesse
du pauvre.*

JORNAL CRITICO E NOTICIOSO.

ANNO 1

Numero do dia 24 de
Abril de 1886.
Assinatura para o capital
por trimestre \$2500. Anua
l \$8. e Typographia, Rua
de S. João n. 83.

MARANHÃO, 24 DE ABRIL DE 1886.

Publicação
Publicam-se gratis os ar-
tigos de interesse geral.
O mais confidencia e apaisa.
O ECHO publica os seus
textos por sempre.

NUMERO 20

REQUIESCAT IN PACE MORTE POLITICA DA



VACCA LEITEIRA

ORAE POR ELLA CHICO REPOLHO

REQUIESCAT-IN-PA CE

A VACCA-LEITEIRA

A esta hora entre bombas e foguetes estará sendo vítima de mortandade o trabalho para o Grupo do 22 supremo.

Contada a cruel sorte é a sua, entre os brados clamorosos da mortandade há de exalar o último suspiro, legando a este partido do quero mando o posso o que lhe resta da herança da pápa.

Que triste fatalidade para esse grupo onde só reina, a ambição, ingratidão e a injustiça !!!

Vejamos se terço a delicadeza de fazer-lhe um enterro decente a esta moribunda Vacca que tanto urrou no theatrinho, a que por sua deslealdade e ingratidão ao partido do 22, hoje está enforcada como Judas, a irrisão publica defronte do mesmo theatrinho onde os moleques em tom de mofa cantarão o seguinte estribilho:

Bates caion
Senhor Juca se enforcou
Por causa do repolho
Que tão cedo lhe enganou

Temos caete
Pra coquinha do partido
Nós bem lhe avisamos
Que tomasse bem sentido.

Que horror! heita o Geriô ver se a vacca com a corila no pescoço, e o Chiquinho rei pequeno de linco em punho, com templando aquelle quadro, e com um ar de quem acha a scena, mui sublime, exclama:

Já ha muito que devia desaparecer, temos um guriote novo que já nomeei autoridade.

Calculo mesmo a multidão que apinhada deixo de ver esta scena commovedora da presente situação onde depois que achão se servidos, mandando mesmo defronte d'este theatrinho suspender, coitado, o pobre Juca vacca depois de tanta chelpe que gastou com os castrados.

O Geriô este terror dos bosques, o homem que não se

encontrar se só lhe resta chorar, fala-lhe o seu cicerone que em breve se tornará em cadaver politico.

Bem te avisamos Juca, que não te metesse em camisa de onze varas, e tu leimeso por causa d'estas fofocas que apodora-te de ti, deixastes te levar por estas aves agouzeiras que qual ave de rapina, só qui zerão faser a tua desmoralização !!!

Agora é tarde, com poucos momentos serás um cadaver, e os moleques estes celebres urubus da terra hão de cantar-te na tua sepultura.

Aqui jaz Juca-vacca que viveu
Sendo sempre do repolho illudido
Dorme vacca ja que não tens juizo
Derues por seres a vacca do partido.

Perdão leitores se usei agora do Estylo de — Lino mão da Pacca — pois é justamente o que vi o repolho instruir o Ze Pozinho logo que o Juca vacca exhale o ultimo suspiro:

Cruel sorte! pobre Juca, tu que já sabias perfeitamente ser interprete ao Geriô, vê-te hoje sentenciado a veres o pago dos serviços que prestastes aos Castrados, a primeira badalada serás gullitizada, pobre vacca:

Vê como o Chiquinho ancioso espera ver a tua cabeça separada d'estas telas que já pouco ou nada agão.

Vêdes! como frubram te e como te vão tratando n'estas horas em que estás prestes a seres cadaver politico !!!

Não calculas o quanto sinto a tua morte, tu embora sejas nullidade, mais eras preciso que vivesse, tu, que és um bruto em força, tu, que tinhas o poder dos teus capangas nas tuas mãos, da mesma maneira que te tinha, o El Supremo Castrado, tu, que poderias rebentar a typographia do «ECHO» hoje não passas de um pobre 'judas, que com poucos instantes deixarás de existir, mofando de tua sorte o teu inseparavel — Curo Re, Reino Castrado !!!

Que cruel sorte vês ter, quando agora principiavas a figurar de rezado, ve pelas ruas d'esta cidade, quando principiavas a ter nome na historia, é quando fostes sentenciado a seres exposto a irrisão publica !!!

Márcen! — Que ficção sublime para o brandao, Geriô, a estas aves agouzeiras que ainda vivem sob o poder d'este grupo d'El supremo castrado.

Porque não fizeste como o Tromba-Ahy q' de vento a pápa, fogin com medo de ter a cruel sorte que agora vês ter.

Recibe sincera e respeitosa um abraço de quem sempre apoiou as tuas maruleiras, como vacca do partido, e este sincero adeus.

O Marrusco

Elle parece que nunca viu tanto barulho.

Eu rogo amigo que deixe de ter tolo e vá plantar maniva q' passou de tempo, se não v. exc. ha de ouvir dizer.

Caitita deu-me na roça
A mandioca comen
Quem quizer ser deputado
Seja sempre como eu.

E' conselho que darei ao Costado, que vai para o Jury, limpe-se da culpa, e fique-se por lá mesmo, que aqui ninguém o quer ver.

E' favor amigo, quem lhe aconselha é
O Marquez de Maricá
Que as suas verdades achará

ECHOS LIVRES.

No dia 3 do corrente mez, em quanto tinha lugar em uma das salas do Paço da Assembleia Legislativa Provincial o concurso para provimento do lugar de Amante da mesma Assembleia, logo, alguém, talvez um abelhido, tomava sobre o que ali se passava ligeiras notas. Era as:

Encarregou-se de parte o graphico o Dominguito e da historia o Castrinho ficando o Martins Costa incumbido da parte grammatical e mathematica, seu genero.

Os examinandos mostraram-se acanhados e sentiram certo mau estar, devido talvez a grande quantidade de fumo que se desprendia do cigarro de cada examinador, a excepção do Dominguito, que em compensação espreitava-se repetidas vezes e tomava na cadeira posições bem profanas.

O Aristides era visto sentadinho a um cantinho bem juntinho dos examinadores também o m'o seu fumeante cigarrito. Ahi se achava naturalmente para bem observar ao seu querido. Solon bem sabia a lição.

O Costa especialista em mathematica, depois de erguer-se sobre os seus amplos quadris e tomar attitudão de verdadeiro mathematico começou a arguição também mathematica pelas fracções ordinarias das quaes, é bom que se diga, não se afastou nem uma linha.

Elle ama os mathematicos e idolatra as fracções ordinarias, mas ama e idolatra á seu modo,

porque é avesso ás demonstrações.

Passemos agora á análise de algumas das questões por elle propostas.

Tendo dado para serem reduzidas ao menor denominador comum as fracções

$$\frac{3}{5}, \frac{4}{10}, \frac{3}{15}, \frac{4}{30}$$

entendem-se o ultimo denominador o menor multiplo de todos os outros.

Erras como esta são sempre elevados á potencia m.

Sigamos.

Quando tratava-se da multiplicação de fracções vinha a considerar coisas diferentes a multiplicação d'um inteiro por uma fracção e a d'uma fracção por uma inteiro. O Costa t'io habil mathe-matico não deve ignorar que a ordem dos factores não altera o producto e que por conseguinte tanto faz multiplicar o inteiro pelo numerador da fracção como este por aquelle.

Voltemos a redução de fracções ao menor denominador comum.

Di-se o Costa:—Depois de dividido o meu e multiplo dos denominadores por cada um dosllos multiplica-se o quociente achado pela fracção que...

Ors o Costa diz-se semelhante coisa quando a lingua davia dizer que multiplica-se o quociente achado por ambos os termos da fracção.

Finalmente o Costa ainda, não satisfeito, quiz correr a sua obra affirmando que os denominadores devem ser primos entre si em vez de garantir que devem ser primos entre si os dois termos de cada fracção. Isto não é erro é engano apenas.

Sobre as outras materias nada houve digno de menção.

Os candidatos, não obstante terem sempre de responder á perguntas por demas elementares, andaram mal, mas sempre em igualdade de condições, excepto no exame de Historia em que de viu o candidato Carlos Oliveira, ter melhor approvação, porque o seu contendor apenas soube responder ao Castrinho quando este lhe perguntou em que anno tornou-se independente o Brazil.

Pergunta-se

O que se importaria um taverneiro com a vida de

quem não lhe liga a menor importancia? !...

—Terá inveja? !...

Toma cuidado? ! !...

O menino dos cabos.

O epiteto réu de politica, pôde ser pro-curado todos os dias das 9 a 3 horas da tarde em casa de sua Exm.ª cunhada, na mesma rua n. 44.

APANHADOS DO 'ECHO'.

Quarta-feira não querêdo se meos trahirem no theatro do Egypto, com quantos já estiveram de papel ensaiado o homem da salvação.

Humor de contradição e vontade para o deslizado, o meu domador, em se não pôde pensar com o contrato seja malor.

Dizem que que a varen do partido, todos os dias que sabe o 'ECHO' compra apenas para sempre.

—Se fôr-se isso com toda edição? !...

Pergunta modesta e innocente

—Qual é a pessoa de bom gosto que não lê o 'ECHO'?

—Responda quem poder...

O Chico repelle depois que os raios apunhalam a rua por onde este passava, mudou de rumo e agora só anda pela rua da Paz.

—Porque não?

Heitem o theatro, entes importante, chamado o theatro, matado de homem quando ali é apenas um repolho.

Aquella teitira do regimento em pouco virava por quantos palmeiras tinha.

O Gerioz não caído? apunha como se caído? com aquelle ar entendo a natureza que queria fôr-se das suas quando fôr-se no lacerante.

Quando fôr-se que faltar t'io mal d'aquelle palmeira das vales...

O Virado, por um triz que fôr pela in-venção do tal Gerioz.

O espectáculo fôr suspensa por alguns minutos, em vista do Repolho ter pido a se aliar a varen teitira e não ter fôr co-cêgas no Gerioz.

O Gerioz, fôr posses com a tal representação de breves.

Representar-se finalmente o drama 'p'co das de Gerioz para a qual o varen teitira p'nteo muitas cartas de camardos, não, e fôr-se na plateia por ser fôr-se fôr, p'nteo estavam com muito cuidado, p'nteo havia muitos capangas, e queriam salvar-mos as rotas de algum bommarie.

Os olhos do varen teitira, e da chita repelle os fôr-se fôr-se nas dia expen-pa que assiala a representação.

E estava t'io bem deslizado que fôr-se gosto varen.

Dessejamos que os nossos estimados amigos fôr-se, chita repelle a Gerioz di-gio no quanto fôr-se cada ingratos de camardos?

—Se fôr-se este pedido é porque que remota estar a nossa comoda, com quantos os meos amigos.

VARIEDADE

A mulher — sua educação

Continuação de n. 7

Mas Jamais, uma realista cahio sem fôr-se, jamais uma cor-ção baqueou sem rido! Esti pois começado o combate, e combate realido, porque as hae-tilidades se renoram todos os dias, todas as horas e todos os instantes; guerra callada, com apparencias de paz, guerra d'embuste e trações! !

Quasi sempre o homem ven-ça pela fôr-se, o que com brau-dura, facilmente conseguia, sen-do-lhe, por ventura, mais agra-davel e menos prejudicial.

D'aqui nasce um viver par-ticular para cada um; aquelles dois espiritos jã se não compre-hendem, não podem portanto associar-se.

Pôde dizer-se que na mesma casa, habitam duas familias es-tranhas, que só se cortegam apenas, e na sociedade se fal-lam e se procuram com a fra-queza de antigos e intimas ro-lações.

Depois, notas difficuldades e tropeços lhes adreem com os filhos; a mãe segue o caminho da esposa, e está angelico in-nocentissimo, fadado para o porvir da familia, em vez do trazerem alegria e benções á casa paterna, como enviados do Senhor, mais tedio e des-conforto acarreiam para o seio dos seus.

Como a mulher perdeo o co-ração da esposa, a mã' esposa

perden o coração de mãe, se não ha ali balsemo do céu que a reabilitem, dando-lhe novo baptismo d'esperança e amor!

O orvalho celeste, não desce até o calix da flor; se as pétalas o absorvem!

Agora uma terceira pessoa é necessaria entre os esposos: a mãe.

Pobres anjos desherdados do coração de sua mãe, refugiam-se no seio d'uma estranha, que os alimenta e acaricia.

Mas se crescendo, se offeçam naturalmente a ella, com a innocente expansão de corações reconhecidos, e virgem de hypocrisia, nasce o crime na mãe e com elle novos motivos de querellar seu marido.

Chega a idade em que aquellas deves creaturinhas, carecem d'um mentor que lhes desenvolva a razão esclarecendo-lhes o entendimento, e d'uma directora affectuosa, e insinuada, que lhes allumie a alma com os primeiros clarões da fé: essa alma que prescote já em si, e começa a balbuciar indistinctamente, a vaga as pirações do infinito; e os dois esposos dizem seccamente.—E' necessario mandar educar estas crianças.

Que sarcasmo pungente n'estas palavras!! Que parodia ridicula dos deveres de familia!!!

Lá vão os innocentes para o collegio, abandonados dos seus, entregues a estranhos que só curam de seus interesses, e pouco lhes importa que a familia prospere ou se anniquile.

Uma visita por anno em tempo de ferias, apaga as sondaes dos parentes, que se delicias contando os progressos do menino, e fazendo a enumeração das prendas da menina: ou as que ella já sabe, ou tras que tem ainda de apreender.

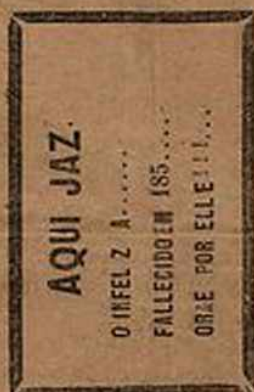
Educação ephemera, superficial e balofa, sem bases solidas da duracão!

Comada de verniz que na sociedade brilha, e na familia de prompto se apaga! Que perdição!!!

Oh! Dai á mulher outro lugar no mundo, outra missão na terra, além da de agradar var, satisfazendo vosso orgulho por instantes!

Não a eduqueis somente para a sociedade, educai a antes para a familia; deixai a tomar o vdo que seu espirito naturalmente procura, se quereis esposas, se quereis mães!!

Não a moldeis em vossa phantasia, pelo typo das rainhas das salas; se seus triumphos satisfazem momentaneamente essa vaidade, mais tarde achais que elles vos são nocivos, ficando carecetes da força para dominar seu imperio.



ANNUNCIOS PREPARATORIOS:

N'esta typographia se indica quem vende por preços baratissimos, livros para qualquer das materias d'esse curso.

VENDEDORES

N'esta typographia preza-se de vendedores para este jornal.

PADRE GERVASIO NOGUEIRA mudou a sua residencia para a rua da Cruz n. 114

LETREIROS

Na officina de funileiro de Leocadio B. da Silva, em pessoa habilitada para estampar qualquer letreiro em frente de casas commerciaes ou mesmo particular em diferentes gostos, por modico preço.

Diccionario.

Preciza-se comprar um jogo de diccionario Francez-Portuguez. Quem tiver pode dirigi-se n'esta typographia, que achará com quem trate.

No escriptorio d'este

Jornal informam-se uma pessoa habilitada que encarga-se de fazer petições, requizimentos, licenças para negocios etc, etc.

Tambm encarga-se de agenciá emprega mediante pequena commissão.

Rua de São João n. 88.

ESCRITURAÇÃO MERCANTIL.

No escriptorio deste Jornal informam-se quem encarga-se de escriptas commerciaes, mediante muito modica remuneração.

COBRAS GIBOIAS.

Compra-se na officina de funileiro de Leocadio Bello a rua do Trapiche.

Paga-se bem sendo grande.

GUERRA A SYPHILES

O Americano recebe e vende por preço razoavel o tonico depurativo do dr. Picard. Cura radical e ligeiramente as anemias, cloroses, rachitismas, iserophthias, cachexias e phthisis pulmonares.

Agua florida verdadeira a 1.250.

RUA DO SOL CANTO DO THEATRO

FERRAMENTA PARA FUNILEIRO.

NILEIRO.

Vende-se uma pelo diminuto preço 25000 reis quem pretender dirija-se na officina de Leocadio Bello da Silva.

Rua do Trapiche.

ATTENÇÃO. Balthazar José Pereira, vende em sua refinação a rua Grande, defronte do Hotel Porto; café torrado de primeira qualidade ja moído sem mistura alguma a 1:000 o k. Vêr para crêr.

Caxeiro

N'esta typographia indicam-se uma pessoa que deseja empregar-se no commercio, dando fador idoneo sobre a sua conduta.

VINAGRE BRANCO PURO

Vende-se a 120 reis a garrafa, na rua da Paz junto da da cruz. (10)

ESPECIALIDADE: — Na rua Grande refinação de Balthazar José Pereira vende-se farinha secca da ilha de superior qualidade a 2500 o alqueire.

VINHO VERDE D'AMARANTE.

MANOEL JOSÉ MACHADO DE CARVALHO C.

A rua dos Afogados, vende d'este excellente vinho, vindo directamente do logar—Gallo pelo ultimo vapor.

Custa garantir-se qualquer mercador, mas nós garantimos esta excellente piaga.

Typ. de Manuel Silva e C.

Aos nossos leitores.

(Pede-nos que antes de seu falecimento politico faça-nos as declarações de sua ultima vontade, o nosso infeliz amigo, que cruel sortio teve no grupo dos Castrados, o exm. sr. Vacca Leiteira—Bôbo Alegre, o que passamos a transcrever do seu testamento:)

«Em nome d'El Rei Supremo Castrado, e de todos os Castrados pertencentes a este Grupo declaro que sempre fui a Vacca Leiteira, governada pelo El Supremo e o seu amigo Chiquinho Repolho».

Em nome do El Supremo athen.

Declaro que logo em seguida do meu falecimento seja o meu corpo depositado em urna coberta de repolho, no theatrinho do Egypto, assim como seja o meu corpo carregado a pinto, pelos primeiros vultos d'esta situação como seijo:

Bandeira de Mel
Chico Repolho
O Marrusco
Nhã Marcelina Branlão
O velho Geriô
E o velho Saldanha

Em lugar de dobras exijo que faça com o que o Bilhazar José, não prohiba o Zé pozinho de cantar o seguinte estribillo:

Assim sirriema
Sinhô Jucca se enforcou
Por cauza do grupinho
Sinhô Jucca se enforcou

Temos dinheiro
Pr'a acabar com isto tudo
Temos dinheiro
Pr'a enforcar a repolhudo.

Se o Zé Bolthazar fizer isto muito lucrará a policia porque foi bem escolhida autoridade: Declaro mais que depois de

feitas todas as orações seja o meu corpo concluído pelas mesmas até a minha ultima morada, que será no corredor do palacete do meu El Supremo chefe a quem tanta venerei.

Quero que, depois de meu corpo baixar a sepultura, seja este corredor lavrado com os que já tinham promettido ao Chiquinho Repolho.

Desejo que libertem do capiteiro, a minha mala Barata que muito serviço prestou para eu ser eleito deportado.

«Deixo aos meus amigos q' muitas vezes, tenho mudado darem assinalis no theatrinho, um titulo de autoridade a cada um; para que continue a exercer as mesmas funções».

«Deixo ao Belmeiro Castrado um dos pince nez, que tem na escola de estaplo, ficando a sua escolha, pelos relevantes serviços que prestou nos a manhulo da bandeira de Mel».

Deixo ao Geriô, um caixão com atiguo, de madeira, que o collega defende se d'estes homens que não querem que elle seja innocente.

E por ser estas as minhas ultimas disposições politicas espero que sejo cumprido assim como nomeio para meus testamentarios os seguintes cidadãos: Chico repolho, Marrusco, O homem dos juramentos, Mesquita, Saldanha, e bello Hermapandita em por estar muito ascleperado só subsererei com o nome que calou mais conhecido.

A vacca do partido.

COLLABORAÇÃO.

Assembléa do Egypto

Comparcendo vinte e tres srs. deputados, declarou o presidente aberta a sessão, e logo pediu a palavra o sr. Esabel: (levantou-se e segurou a barriga albanda para o Costo).

Sr. presidente: A lei está em cima da conca, diga a conca está em cima da lei, por isso eu me assento, porque o Barity não é villa e nem privação, e um trize sldcia chio de marmuração!

Honorio Bello—O sr. está atrapalhado, elle sabe fazer receitas para bôcia!

H. Branco—Ella quer dizer uma coisa, e vai fazer outra coisa...

Marrusco—Atenção! Desejo que seja em o presidente da assembléa, para dar um ensino nestas liberdades, que não querem abandonar mais de suas crendices!

Mesquita (cantando)

O á men bom?
Tá de patisco?
Agora tu não
Sá Marrusco.

Costo (com sua voz de Bandeira de Mel): Não quero ser presidente, vou-me deitar um pouquinho de sono, já tenho apinhado muito!

Castrado! Não aponte, não será por toda vida a vontade e ordem de meu pai, que Deus o tenha nesta hora em terra das novidades!

Costo (chorando)

Não sei a que eu fiz!
Quero ser infeliz!
Portanto quero
Marcelina Branlão
Por da assembléa
O sr. é meu filho
Flor do meu coração!

Murcho—

Desejo! desejo—
Possa fora meu Costo
Eu não sirvo de nada
A um feio deputado—

Castrado (gemendo).

Sr. não fosse a linda Bertha
Ella não havia meido...
Eu não moraria
O grama Marcelina...

Esabel (chorando): A lei está em cima da conca, digo a conca está em cima da lei...

Arribado Bello (com voz de mel): Deixe-se de amor, sr. Pince nez, não é por isso, não é por isso!

Marrusco (Muito sr. e apressado um pouco) para ser presidente o grupo motivo na loja do Nô do Bello não há mais aquelas amáveis palestras?

Murcho—Eu não sei...

H. Bello—Certo, que foi por motivo da má lingua do povo, o tratar da vida alheia, e que o deus da raça não quiz mais aquelas reações!

Mesquita—Sr. guardião segredo, eu direi o motivo...

(Neste momento o marrusco expirou e o sr. Mesquita calou sem fallar)

Castrado—Dr. Esabel! acuda o Mesquita e dê-lhe vida para ouvirmos o seu parecer a cerca do projecto?

Esabel (Não é nada... friccão s. de veruna 60 g. para cada de feio—na pharmacia Costado etc. Marrusco).

(Continua)

Um echo nocturno

Estamos em toda a parte. Temos o dom da ubiquidade. Quando, no sabbado ultimo, vinham de mamar ao Jucca Vacca Leiteira, os becerros do partido castrado, ouvimos uma voz em gesto pronunciado:—, Lebo, olha o Echo—, Conchegamo-nos ao grupo o verificação que a voz era do Saldanha, o pai da malhada, que assim se chama o Lollo—begeiro das janellas da minha casa suspeita...

Patifaria de parte a parte. Um offenda a moral publica e o outro, por não poder emitir a devassidão do companheiro, tornava o acto escandalosamente publico. E ambos são casados...

Vamos em breve desapparecer. Porque? Nos calculos orçamentarios do partido castrado, o Marrusco pediu que se lançasse sobre a typographia do Echo um imposto de 100.000 reis, o Saldanha—o pai da malhada achou pouco e pediu que o imposto fosse elevado a 500.000 reis. Para fora, diz o Maranhão, voto contra; deixemos o Echo com os seus echos, que não deixam de ter o seu valor.

Saldanha, Marrusco, Lollo, Bello—neuralgia etc. (gritando): O sr. é traidor fóra, fóra. (Reins no curral terrível berreiro).

Fiz o que se pode colher d'essa commença nocturna do sabbado ultimo

SILHOUETTE

O MAESTRO COSTA-GRAJAHUI.

Quem conhece, por acaso,
um sertanejo, —velho,
que por suas gentilezas,
tem andado a largo trote,
a trocar gibão de couro
por castoso redingote?

Elle tem lico cabello
corrido e já grisalho;
tem a tromba assignalada,
da fúria do falso malho;
tem olhar de porco velho,
com um rido de bandalho.

Elle fella todo mundo;
tem seus rasgos d'oratoria;
tem cabidos, tem lamurias...
sabe contar uma historia...
só não quer é que lhe fallem
em Ariso e Precatoris.

Além dos tratos brigueros
nas sextilhas que precedem
em rona ver si logo caira
que ao menos arredende
que a todos diga o nome
que quer tanto mais pelar.

O tabacco, —o qual comino—
julga fuma de pateta;
na luz n'oculo-luz,
reconhece a uma estereopira,
tanta logo é o que não,
que pendur pra lá e pra cá!

Veste grande, e com o corpo,
se augmenta a propensão
e agora é elle um e-lu
respetavel do lutho;
—falta honra na cidade;
—falta boi lá no sertão.

Era pobre, e muito pobre,
de saber o de dinheiro;
apresenta o a-b-c,
se julga novo fazendeiro;
asseta-se a balança,
obí que tipo d'arteficeiro!

Elle ouve falar nos dias
d'essa nobre profissão,
que fundada no direito,
sabe de pena e perdão;
que defende a gente honesta
contra a perseguição do ladrão;

mas também ouve dizer
que d'essas coisas entorez
das leis santas da justiça,
existem ganhadores;
e ao logo, adegaado
a fazer novos primores.

E, sagaz, astuto, infido,
dos vícios da natureza,
sua alma não se tira

qual peão por costura
e, ora a pinas e co'alingoa,
fere, mata, esfolia e fura!

Arrojado em bom patrono
da indolosa orphandade,
extorque o ouro a fortuna,
co'a flor da virgindade;
compõe partes nas demandas
para ter dupla metade!

Mas achou que era pouco
esse campo a seu talento...
Foi ás malhas, foi a vagem,
à chapada e, ao relento,
encetou novos estudos
e tornou-se, então, portento!

Ahi, sim! Abor nua
o ginou por toda parte!
—a onde via um bozinho
applicava engenho e arte
e então... pobre do dono!
não tinha tir-te nem guarite!

E assim com tias agencias
muito honestas, sim, senhor,
foz se dono de fazendas,
—um mandou um chaceador
e por fim se diz cecique
ou chefe conservador!

Do prestigio assim cercado,
muito o mandou na barriga—
e começa a matar gente
como se mata formiga;
mas, por fim, um seu collega
(t'ello só) fez-lhe uma foga!

Foi o caso: O tal velhote
foz-lhe mil patifarias
e, por saldo d'essas cridas,
o lançou nas enxovias
e d'ora ao pobre preso;
Acabei com as valentias!

Não estece pelos autos
o sertanejo insolente
a jurar dar-lhe um ensaio
que ficasse bem patente;
e, assim por brincadeira,
annunciam-lhe chumbo quente!

Outros dizem que até fôra
um pequenino foguete
que lhe deu uma picada
como ponta de alfinete;
Antes fôra como d'anta
amarrado a um cadeio!

E, não sei lá por que arte,
não cansou-lhe grande afato.
Eu creio que não passou
de rebuçado d'estato.
Furou-lhe a weta o assucar
e fez do major, dos parvalho!

Não approvo o acto vil
do sicario alirador,
que se mata d'emboirado

por não ter n'bre valor;
pois, para dar ao pobre-linho,
basta chaguelador

Fez, há pouco, uma algazara
que dizem ser, faliação.
Que espada! que chorico!
que postal de cabritão!
—De algaz, tornou-se martir
para inspirar compaixão.

E, n'aquella angustia,
onde o m gente tão fino,
ello qual orador vago
da Fortuna Francesquina
a dizer-se assassinado
no lampião do reguina!

Mas n'aquella entaladella
te mletteram d'empreitada;
qual jogral, ali te fozte,
como via n'oca mandada.
—Tu tens tina de cadávero...
oh! que sorte maldadada!

Todo homem sem caracter,
que não tem opinião,
que só procura a mentira
por não ter impotagio,
deve ser levado a tiza,
em qualquer occassão.

Mas, em fim, para preparar vos
d' mais f'ica m'ocção,
basta-lhe que o enriqueça,
boi cavallo do sertão.
É traço que quer ser gente
nas barbas do Maranhão.

Mas, agora, ebra-velho,
te aguento! a o-ma é fela!
Quem não tem papa na lingua
deve ter sangue na veia.
Nesta terra, faz de dizer:
«Viva! viva o nobre poia!»

Lazdroni.

ECHOS LIVRES.

A UM SR. CON
DE DE.....

Deus escreve Certo

por linhas tortas.

Manda transcrever n'este
jornal a maxima acima por não
querer contrariar a Parotilha pu
blica, não obstante o contracto
não está finalizado.

Em 20 de Abril de 1886

Pedido justo

Pede-se a certo Alferes
caréca, que queira quanto
antes pagar ao velho Luiz
Carreiro, aquantia de 53040
importancia de 14 covados
de chita que comprou para
sua barrega Maria, —e bem
assim que lhe restitua os 5
quadros de figuras que ti-
rou-lhe sem seu consen-
timento.

O Americo

Exposição universal pa
ra sabbedo d'alceia

QUADROS VIVOS.

Araujo Costado
Dom Patnaco
Eusebio enfesado
E o fr. Marrusco

Velho Saldanha
Dr. Castanho
De fama tamanha
Fr. Judinho.

Honorio Bello
E o Marechal
Tão singello
Homem divino.

Viriato santo
Do juramento
Ah pobre manto
Eu te lamento.

Só um salvou-se.
E não deu na vista;
E meu hom velho,
Senhor Mesquita.

O Marco de judeu.

Expediente

Em vista da grande ac-
cettação que tem tido o
nosso jornal resolvemos
abrir assignaturas para
a capital sob as seguin-
tes condições:

A assignatura será de
2000 por trimestre. (pa-
gamento adiantado)

Typ. de Manuel Silva e C.